

# D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

ANO III - MARÇO/ABRIL - 2023

#25





# O PENSAMENTO É LIVRE

Bem-vindos caros leitores e autores da Revista D-arte.

É com grande satisfação que anunciamos mais esta edição da revista, que está repleta de conteúdos relevantes tão fundamentais nessa hora, desse nosso paradoxo contemporâneo da desinformação, da pós-verdade e das temidas fakes.

Há exatos 20 anos enquanto eu elaborava meu projeto de pesquisa intitulado “Manifesto do Stressionismo” UEL/2003. Me fiz a pergunta... Será que o excesso de informação, poderá causar o empobrecimento cognitivo? Finalmente a resposta veio no dia 08/01/23. A histeria coletiva que montou a sua própria matrix, onde os frágeis limites desse campo energético real/virtual foram violados por completo.

***Around the World***



**ISBN**

978-65-999129-0-0

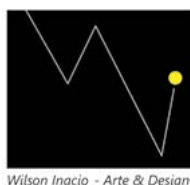


A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:  
<https://dartelondrina.wordpress.com/>



Wilson Inacio - Arte & Design

<https://wwidigital.wordpress.com/>

Realização



[www.ronilsonrony.com.br](http://www.ronilsonrony.com.br)



<https://ongartebrasil.blogspot.com/>

Apoio cultural





IA

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

# A Era da Desinformação Infinita, nas asas da IA?



Imagem: site JoeFino

Imensas bibliotecas de fake news. Produção em massa de “notícias” inventadas. Difamação ilimitada. Sem regulação, sistemas como ChatGPT ameaçam inviabilizar debate público ao avançar movidos pelo lucro e pelos interesses da ultradireita

<https://outraspalavras.net/tecnologiaemdisputa/era-da-desinformacao-infinita-nas-asas-da-ia/>  
Por **Gary Marcus** em *The Atlantic*

Tradução: **Maurício Ayer**

Novos sistemas de inteligência artificial (IA), como o ChatGPT, o mecanismo de pesquisa revisado do Microsoft Bing e o GPT-4, que segundo anunciado está prestes a chegar, capturaram totalmente a imaginação pública. O ChatGPT é o aplicativo online que cresceu mais rápido em todos os tempos, e não é de se admirar. Digite algum texto e, em vez de links da internet, você receberá respostas bem elaboradas, como em uma conversa, sobre qualquer tópico selecionado – a proposta é inegavelmente sedutora.

Mas não são apenas o público e os gigantes da tecnologia que ficaram encantados com essa tecnologia baseada em Big Data, conhecida como “modelo de linguagem grande”. Os delinquentes também tomaram conhecimento da tecnologia. No extremo, está Andrew Torba, CEO da rede social de extrema-direita Gab, que disse recentemente que sua empresa está desenvolvendo ativamente ferramentas de IA para “defender uma visão de

mundo cristã” e combater “as ferramentas de censura do Regime”. Mas mesmo os usuários que não são motivados por uma ideologia sofrerão o impacto. A *Clarkesworld*, uma editora de contos de ficção científica, parou temporariamente de aceitar envios no mês passado, porque estava sendo alvo de *spam* de histórias geradas por IA – resultado de influenciadores que passaram a sugerir maneiras de usar a tecnologia para “ficar rico rapidamente”, conforme contou o editor da revista para *The Guardian*. Este é um momento tremendamente perigoso: as empresas de tecnologia estão correndo para lançar novos produtos de IA, mesmo depois dos problemas com esses produtos terem sido tão bem documentados por anos a fio. Sou um cientista cognitivo e tenho como foco aplicar o que aprendo sobre a mente humana ao estudo da inteligência artificial. Também fundei algumas empresas de IA e estou pensando em fundar outra. Em 2001, escrevi um livro chamado *The Algebraic Mind* [*A mente algébrica*] no qual analiso em detalhe como as redes neurais – um tipo de tecnologia vagamente semelhante ao cérebro sobre a qual se assentam alguns produtos de IA – tendiam a generalizar demais, aplicando características de indivíduos a

grupos maiores. Se eu contasse a uma IA naquela época que minha tia Esther havia ganhado na loteria, ela poderia concluir que todas as tias, ou todas as Esthers, também haviam ganhado na loteria.

A tecnologia avançou bastante desde então, mas o problema de base persiste. Na verdade, a integração da tecnologia e a escala dos dados que ela utiliza a tornaram pior em muitos sentidos. Esqueça a tia Esther: em novembro, Galactica, um modelo de linguagem grande lançado pela Meta – e rapidamente colocado *offline* – teria falado que Elon Musk morreu em um acidente de carro da Tesla em 2018. Mais uma vez, a IA parece ter generalizado demais um conceito que era verdadeiro em um nível individual (*alguém* morreu em um acidente de carro da Tesla em 2018) e o aplicou erroneamente a outro indivíduo que compartilha alguns atributos pessoais, como sexo, estado de residência na época e vínculo com a montadora.

Esse tipo de erro, que ficou conhecido como “alucinação”, ocorre desenfreadamente. Seja qual for o motivo pelo qual a IA cometeu esse erro específico, é uma demonstração clara da capacidade desses sistemas de escrever uma prosa fluente que está claramente em desacordo com a realidade. Você não precisa imaginar o que acontece quando tais associações falhas e problemáticas são desenhadas em cenários do mundo real: Meredith Broussard da NYU e Safiya Noble da UCLA estão entre os pesquisadores que têm repetidamente mostrado como diferentes tipos de IA replicam e reforçam preconceitos raciais em uma variedade de situações do mundo real, incluindo nos serviços de saúde. Modelos de linguagem grandes como o Chat GPT apresentaram vieses semelhantes em alguns casos.

No entanto, as empresas pressionam para desenvolver e lançar novos sistemas de IA sem muita transparência e, em muitos casos, sem verificação suficiente. Os pesquisadores que vasculham esses modelos mais novos descobriram todo tipo de coisas perturbadoras. Antes da Galactica ser tirada do ar, o jornalista Tristan Greene descobriu que dava para usá-la para criar minuciosos artigos em estilo científico sobre tópicos como os benefícios do antissemitismo e de comer vidro moído, inclusive com referências a estudos fabricados. Outros observaram que o programa gerou respostas racistas e imprecisas. (Yann LeCun, cientista-chefe de IA da Meta, argumentou que a Galactica não tornaria a disseminação online de desinformação mais fácil do que já é; em novembro, o porta-voz da Meta disse ao site CNET que a “Galactica não é uma fonte de verdade, é um experimento de pesquisa usando sistemas [de aprendizado de

máquina] para aprender e resumir informações.”)



Mais recentemente, o professor da Wharton Ethan Mollick conseguiu que o novo Bing escrevesse cinco parágrafos detalhados e totalmente falsos sobre a “civilização avançada” dos dinossauros, cheios de fragmentos que soavam autoritários, incluindo: “Por exemplo, alguns pesquisadores afirmaram que as pirâmides do Egito, as linhas de Nazca do Peru, e as estátuas da Ilha de Páscoa do Chile foram realmente construídas por dinossauros, ou por seus descendentes ou aliados.” Apenas neste fim de semana, Dileep George, pesquisador de IA da DeepMind, disse que conseguiu fazer o Bing criar um parágrafo de texto falso afirmando que o OpenAI e um inexistente GPT-5 tiveram um papel no colapso do Silicon Valley Bank. Solicitada a comentar esses episódios, a Microsoft não respondeu imediatamente; no mês passado, um porta-voz da empresa disse que, “considerando que esta é uma prévia, [o novo Bing] às vezes pode apresentar respostas inesperadas ou imprecisas... estamos ajustando suas respostas para criar respostas coerentes, relevantes e positivas.”

Alguns observadores, como LeCun, dizem que esses exemplos isolados não são surpreendentes nem preocupantes: entre com um material ruim em uma máquina e ela produzirá um resultado ruim. Mas o exemplo do acidente de carro de Elon Musk deixa claro que esses sistemas podem criar

alucinações que não aparecem em nenhum lugar nos dados de treinamento. Além disso, a potencial escala deste problema é motivo de preocupação. Podemos só começar a imaginar o que as fazendas de trolls patrocinadas pelo Estado, com grandes orçamentos e modelos de linguagem grandes personalizados podem produzir. Delinquentes poderiam facilmente usar essas ferramentas, ou outras parecidas, para gerar desinformação prejudicial, em escala gigantesca e sem precedentes. Em 2020, Renée DiResta, gerente de pesquisa do Stanford Internet Observatory, alertava que a “fornecimento de desinformação em breve será infinito”. Esse momento chegou. Cada dia nos aproxima um pouco mais de um tipo de desastre na esfera da informação, no qual os delinquentes armam modelos de linguagem grandes, distribuindo seus ganhos ilícitos por meio de exércitos de bots cada vez mais sofisticados. O GPT-3 produz respostas mais plausíveis que o GPT-2, e o GPT-4 será mais poderoso que o GPT-3. E nenhum dos sistemas automatizados projetados para discriminar os textos gerados por humanos dos textos gerados por máquinas provou ser particularmente eficaz.

Já enfrentamos um problema assim com as câmaras de eco que polarizam nossas mentes. A produção automatizada em grande escala de desinformação ajudará na transformação dessas câmaras de eco em armas de guerra e provavelmente nos levará ainda mais longe nos extremos. O objetivo do modelo russo “Lança-chamas de falsidades” é criar uma atmosfera de desconfiança, favorecendo a entrada em cena de agentes autoritários; é nessa linha que o estrategista político Steve Bannon almejava, durante o governo Trump, “inundar a zona com merda”. É urgente descobrir como a democracia pode ser preservada em um mundo em que a desinformação pode ser criada tão rapidamente e em tal escala.

Uma sugestão, que vale a pena explorar, mesmo que provavelmente seja insuficiente, é colocar uma “marca d’água” ou rastrear o conteúdo produzido por modelos de linguagem grandes. O OpenAI pode, por exemplo, marcar qualquer coisa gerada pelo GPT-4, a próxima geração da tecnologia que alimenta o ChatGPT; o problema é que os delinquentes podem simplesmente usar outros modelos de linguagem grandes e criar o que quiserem, sem marcas d’água. Uma segunda abordagem é penalizar a desinformação quando ela é produzida em larga escala. Atualmente, a maioria das pessoas é livre para mentir a maior parte do tempo sem consequências, a menos que estejam, por exemplo, falando sob juramento. Os fundadores dos EUA simplesmente não imaginaram um mundo em que alguém pudesse criar uma fazenda de trolls e divulgar um bilhão de inverdades em um único dia, disseminadas por um exército de

bots pela Internet. Podemos precisar de novas leis para lidar com esse tipo de cenário.



Uma terceira abordagem seria construir uma nova forma de IA que pudesse *detectar* desinformação, em vez de simplesmente gerá-la. Modelos de linguagem grandes não são por si só adequados para isso; eles não controlam bem as fontes de informação que usam e carecem de meios de validar diretamente o que dizem. Mesmo em um sistema como o do Bing, onde as informações são obtidas na internet, podem surgir inverdades quando os dados são alimentados pela máquina. *Validar* a saída de modelos de linguagem grandes exigirá o desenvolvimento de novas abordagens para a IA que centralizem o raciocínio e o conhecimento, ideias que já foram mais valorizadas, mas atualmente estão fora de moda.

A partir de agora, será uma corrida armamentista contínua de movimentos e contra-ataques. Assim como os spammers mudam suas táticas quando os anti-spammers mudam as suas, podemos esperar uma batalha constante entre os delinquentes que se esforçam para usar modelos de linguagem grandes para produzir grandes quantidades de desinformação e os governos e corporações privadas tentando contra-atacar. Se não começarmos a lutar agora, a democracia pode ser dominada pela desinformação e conseqüente polarização – e isso pode acontecer muito em breve. As eleições de 2024 podem ser diferentes de tudo o que já vimos.

Gary Marcus é um cientista, escritor e empresário. Seu livro mais recente é *Rebooting*





# D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

**APOIE NOSSO  
TRABALHO!  
CHAVE PIX:**

**CPF/18462125880**

O SEU APOIO É FUNDAMENTAL  
PARA QUE POSSAMOS  
CONTINUAR LEVANDO  
INFORMAÇÃO DE QUALIDADE E  
DE FORMA GRATUITA



# Inteligência artificial vence concurso de arte e causa polêmica



A obra “Teatro da Ópera Espacial” foi criada pelo programa Midjourney, a partir das instruções de Allen.

A obra “Théâtre d’Opéra Spatial” foi a grande vencedora do concurso de arte da Feira Estadual do Colorado, nos Estados Unidos, na categoria de artistas digitais emergentes. Mas a premiação, entregue no início de setembro, causou polêmica, já que a peça não nasceu das mãos humanas, sendo gerada por uma ferramenta de inteligência artificial (IA).

Para criá-la, o designer Jason M. Allen recorreu ao Midjourney, programa que usa algoritmos treinados com fotos da web para gerar novas imagens. Ele precisou apenas descrever que tipo de obra de arte desejava para que o software realizasse o trabalho, em segundos.

O mecanismo é basicamente o mesmo encontrado em outras ferramentas de IA que transformam texto em imagem, como o Dall-E, desenvolvido pela OpenAI, e o Imagen, do Google, que exigem somente uma descrição textual para criar. A Meta também tem um app semelhante, o conceito Make-a-Scene.

Allen começou a utilizar o Midjourney recentemente, criando diversas imagens, que chamaram a sua atenção pelo nível de realismo. Ele não revelou qual texto digitou para criar a obra vencedora do concurso de arte, que lhe rendeu US\$ 300 (R\$ 1,5 mil pela cotação do dia) e uma medalha.

“Morte da arte”

As polêmicas em torno do prêmio dado à obra de arte criada por IA começaram logo após a divulgação do resultado. Não faltaram críticas ao uso da tecnologia nas redes sociais, com alguns internautas afirmando que quem utiliza o recurso não pode ser considerado um artista.

Também houve quem dissesse que estamos assistindo à “morte da arte” e outros acusando Allen de plágio, devido ao programa se basear em outras imagens para gerar uma nova. Sobre as críticas, o vencedor afirmou não ter enganado ninguém, pois desde o início informou como o trabalho foi feito, e que não iria se desculpar por nada.

Fonte: Wikimedia Commons

<https://www.tecmundo.com.br/software/247885-inteligencia-artificial-vence-concurso-arte-causa-polemica.htm>



# Pode, Chefe?

podcast



Ouçá no  
**Spotify**



# Pode, Chefe?

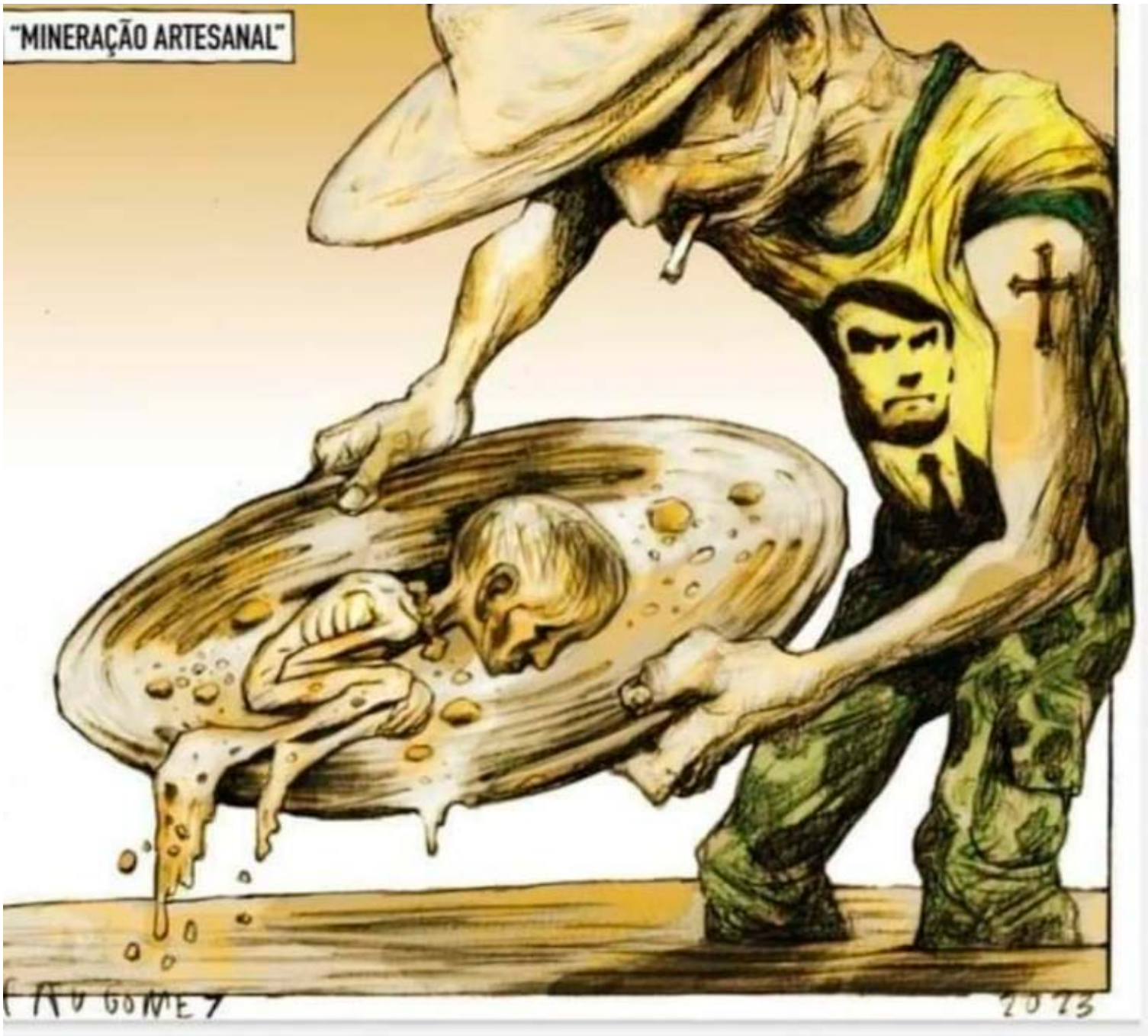
podcast



**@podechefe**



**@podechefeoficial**



# TROCA DE PRESENTES

ESTAS SÃO  
ALGUMAS JÓIAS DE  
MINHA FAMÍLIA

E ESTA É A  
PRINCIPAL JÓIA  
DO MEU PAÍS





Menes de Esquerda  
TÁ 8 MINUTOS



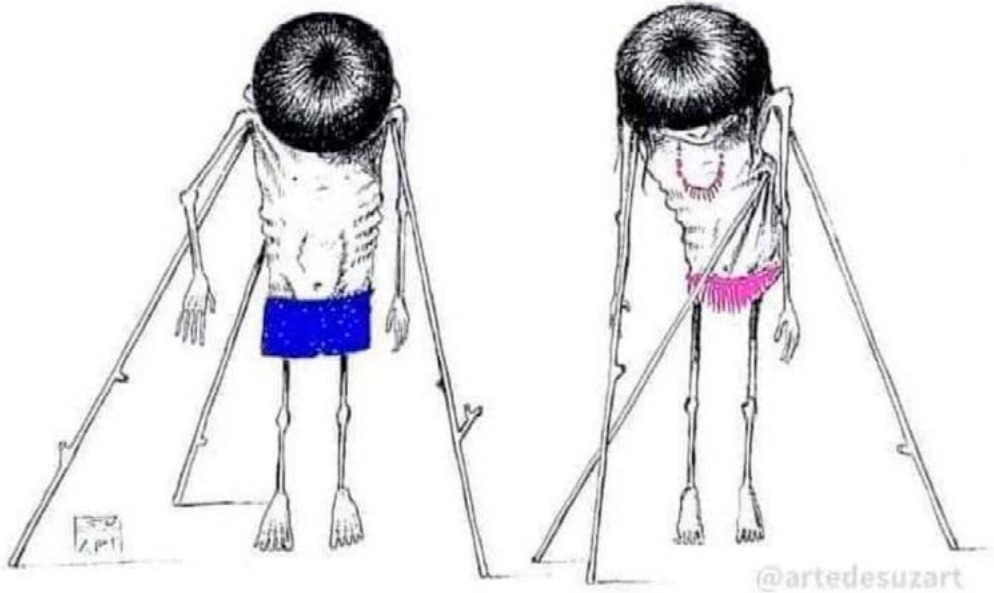
ABANDONO ACIMA DE TUDO  
MORTE ACIMA DE TODOS...

... A GENTE FALA QUE  
É FARSA DA ESQUERDA



MENINO VESTE AZUL

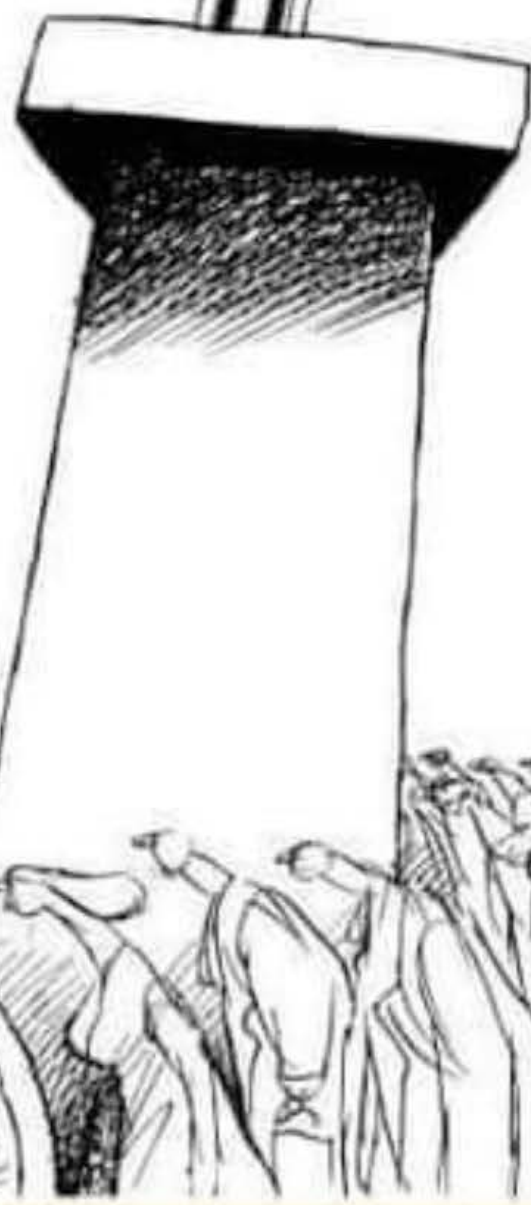
MENINA VESTE ROSA





"A MASSA  
MANTÉM A  
MARCA, A MARCA  
MANTÉM A MÍDIA  
E A MÍDIA  
CONTROLA  
A MASSA"

- GEORGE ORWELL



# Economia da Cultura: um diálogo com Juca Ferreira



Imagem - Jennifer Glass/Divulgação

<https://outraspalavras.net/outrapolitica/economia-da-cultura-um-dialogo-com-juca-ferreira/>

Há pouco mais de um mês estive com Juca Ferreira e ele me entregou uma publicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para a qual escreveu um ensaio sobre economia da cultura. O dossiê, organizado pelos professores Mônica Medeiros Ribeiro e Fernando Mencarelli, é aberto pela transcrição de uma fala do líder indígena Ailton Krenak. A leitura de ambos os

artigos, em sequência, primeiro o de Juca, depois o de Krenak, motivou-me a tecer algumas considerações sobre o tema da economia das artes e das culturas.

Juca, que está assumindo esta semana a cadeira de economia da cultura do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES), escreve de um lugar único: o de ter sido e seguir sendo um dos principais líderes das mais inventivas políticas culturais de nosso país. Depois de ser secretário executivo de Gilberto Gil por seis anos, ministro da Cultura



Digulgação/internet

por duas ocasiões, secretário de cultura de dois dos principais polos criativos do Brasil, São Paulo e Belo Horizonte, ele defende uma economia da cultura não economicista. Uma economia que sirva às artes e à cultura e não que se sirva delas. “Nosso desafio maior, quase que uma premissa, é compreender criticamente a dimensão econômica da cultura em suas relações com os conteúdos e processos das artes e da cultura, detectando seus impactos positivos e negativos, e como evitar que essa economia signifique a banalização e a perda dos significados e da função da arte e da cultura na vida dos seres humanos”.

Essa perspectiva não-economicista é também defendida por Krenak, um

reconhecido produtor cultural e líder indígena, atualmente uma das vozes teórico-práticas mais importantes de nosso tempo. “Vale a pena a gente pensar no que disse a nossa querida professora Conceição Evaristo. Ela disse que a produção da cultura, a expressão da cultura, a capacidade de sermos mais fiéis à nossa ancestralidade, às nossas riquezas próprias, à diversidade cultural, é muito difícil dentro do capitalismo. E, talvez, impossível; porque quando integramos o sistema capitalista, nós passamos a fazer parte de uma grande linha de produção que, da mesma maneira que produz sapatos e carros, quer também entender a produção cultural”. Uma economia não economicista. Uma

economia não-capitalista. Uma economia das artes e das culturas que propicie uma transição de mundos, que seja vetor de um desenvolvimento efetivamente sustentável. É disso que se trata. Como aprendemos durante os primeiros governos de Luiz Inácio Lula da Silva, a cultura subsiste na interação entre três dimensões: a econômica, a simbólica e a cidadã. Não uma interação estanque, de campos desencontrados. Uma interação que conforma uma hélice, uma turbina propulsora quando as três dimensões estão equilibradas e girando.

Tanto na visão de Juca como na de Krenak, percebemos que a dimensão simbólica é onde tudo começa e para

onde tudo deveria voltar. Os valores, os conhecimentos, as invenções que nos elevam são do domínio do simbólico. “Essa dimensão é, para a arte e para a cultura, mais ou menos o mesmo que os ecossistemas e ambientes naturais são para os seres vivos”, escreve Juca. Um sistema complexo, portanto, “amplo, diverso e pluridimensional”.

A dimensão cidadã é a que emerge do reconhecimento de que a cultura é um direito. “O acesso pleno a bens, serviços e equipamentos culturais assim como a garantia da livre manifestação do pensamento e das expressões artísticas e culturais são direitos humanos fundamentais”.



Se o simbólico é onde tudo começa e termina, a dimensão cidadã é a que garante que essa experiência de produzir e fruir seja para todos. A economia, então, nessa perspectiva, comercial ou não-comercial, é o que dinamiza esses processos e garante que ele possa se sustentar no tempo e no espaço. É meio, não fim.

“A economia da cultura se realiza em contextos culturais de sutis interações entre preservação, inovação e liberdade de criação, continuidades e rupturas, memória e criação, modos de apropriação e acesso amplo”, elabora. “Assim, nesse universo singular e dinâmico, as atividades e manifestações culturais e artísticas adquirem significados, produzem satisfação intelectual, deleite estético, ampliam a autonomia e o protagonismo de indivíduos, grupos e populações, além de gerar emprego, renda e riqueza”.

1. O que fazer a partir dessa premissa? Há, no ensaio de Juca, a escolha por tratar da economia das artes e das culturas. Não de economia criativa. Ele mesmo explica o porquê dessa escolha conceitual: “o conceito de economia da cultura, ao mesmo tempo que reconhece o conjunto mais restrito das atividades das chamadas indústrias criativas e as inúmeras questões e problemas que lhe são associadas, incorpora, também, estas muitas outras áreas da dimensão simbólica deixadas

de lado ou ignoradas na formulação conceitual da economia criativa”. Ele sustenta essa afirmação justamente lembrando-nos que na América Latina muitas das atividades culturais e criativas de maior relevância não estão no domínio da indústria cultural. “São fatos econômicos relevantes de outra natureza”.

Resolvida a conceituação, o ensaio de Juca lança algumas pistas para pensarmos um programa de ação para as artes e as culturas latino-americanas, considerando a virada política ocorrida no último ano e a chegada de governos progressistas no Chile, na Colômbia e no Brasil. Identifiquei em sua abordagem três problemas principais e três possíveis gestos a serem realizados.

### *Problemas*

1. A economia da cultura se encontra em certo grau de monopolização, pois as indústrias culturais dos países do centro do capitalismo captam quase toda a riqueza e também concentram a produção simbólica, numa nova etapa do imperialismo cultural globalizado. O que fica ainda mais potente quando pensamos na economia da cultura digital, distribuída pela internet.
2. Na América Latina, predomina a falta de clareza acerca da importância da cultura para o desenvolvimento e para nossa inserção soberana no cenário global.
3. A visão neoliberal, excessivamente ideológica e anacrônica, vigora desde o final do século passado entre setores culturais, desconsiderando o importante papel do Estado no processo de desenvolvimento.

### *Gestos*

1. Cooperação: constituir um mercado comum latino-americano, quiçá, ibero-americano, com

a participação dos países africanos de língua portuguesa. Esse mercado deve oferecer mecanismos claros de coprodução.

2. **Formulação:** construção de uma política de Estado voltada para o desenvolvimento cultural e das artes, com investimentos, aparatos, recursos institucionais e marcos regulatórios compatíveis com os desafios contemporâneos. O papel do Estado deve ser o de “indutor, fomentador e regulador” dos processos estratégicos.

3. **Visão:** estruturar uma nova concepção de economia das artes e das culturas baseada na diversidade cultural, identificando seus pontos de intersecção com a chamada economia do conhecimento ou “economia das ideias”. Colocar a cultura no centro de um novo projeto de desenvolvimento, adequado ao século XXI.

2. Em nome da dádiva e do comum

Peço então licença para entrar na roda trazendo uma reflexão baseada em um autor estadunidense chamado Lewis Hyde. Antes, cito novamente um trecho escrito por Juca, que me remeteu a esse escritor de que tanto gosto. Logo no início de seu ensaio, o ex-ministro defende que a economia da cultura “tem que estabelecer, desde seu planejamento, uma relação equilibrada entre o valor de troca e a intenção de lucro com o que podemos chamar de valor de uso, a finalidade da arte e da cultura, para evitar impactos devastadores sobre toda a dimensão simbólica da sociedade e para preservar as funções da arte e da cultura e seus significados na vida dos seres humanos”. Em *A Dádiva – Como o Espírito Criador Transforma o Mundo*, Hyde organiza a ideia de que uma economia da cultura só

pode existir se considerar os produtos da arte como um outro tipo de mercadoria. Ou seja, é feita para ser trocada num outro tipo de arranjo produtivo que não aquele estabelecido pela economia de mercado. Não a forma-mercadoria, mas a dádiva, o dom. Como um outro sistema econômico. “Não digo que uma obra de arte não possa ser vendida ou comprada; o que afirmo é que seu componente de pura doação não se enquadra no conceito de mercado”.

Então, seguindo as pistas de Juca, Krenak e Hyde, como estruturar uma política econômica para um sistema não-comercial? Ou, melhor, para um sistema que não possa ser medido exclusivamente por sua potência de compra e venda? A cultura e a arte existem dentro de uma dinâmica de troca de doações. Ainda que para Hyde seja possível conciliar duas esferas aparentemente antagônicas, a da arte e da economia de mercado, é preciso atenção para como fazer isso.



É preciso dar atenção à fronteira. Justamente, portanto, aos mecanismos que permitem operar os limites entre um e outro universo, garantindo a proteção do que precisa ser preservado, e, ao mesmo tempo, a circulação dessa produção. Um dos grandes desafios de nosso tempo é o da (re)construção de comunidades sadias. E já ficou provado que o excesso de comercialização, a usura, destrói nosso mundo. A riqueza gerada nas transações da economia de mercado devem não apenas abastecer individualmente os criadores, mas também o conjunto da criação, o manancial criativo que sustenta nossas comunidades: o comum.

Hyde nos lembra que há três formas históricas que garantem a sobrevivência econômica dos criadores: (A) assumir uma outra ocupação; (B) encontrar quem os patrocine; ou (C) vender diretamente ou por meio de um representante as suas criações (direitos autorais, royalties, bilheterias).

Entre aqueles que defendem a diversidade cultural e a democracia, só é aceitável formular soluções que busquem transformar a riqueza de mercado em riqueza de doação. Ou seja, garantir que a cultura proteja os existentes e promova novas existências. Essa reflexão me leva a pensar em alguns pontos que poderiam ser objetos de uma política cultural para a economia das artes e das culturas.

A. Para todos os artistas e criadores que sobrevivem de ocupações que não as da cultura, é chegada a hora de formular uma renda básica universal a eles destinada. A Irlanda e cidades dos Estados Unidos como São Francisco e Nova York estão fazendo experimentos nesse sentido no contexto pós-covid. Há controvérsias sobre isso. Mas acredito que o experimento seja válido.

B. É preciso uma reformulação completa das formas de mecenato, com atenção para o papel do Estado, mas também com diálogo amplo com o investimento cultural privado e as ações de filantropia. Há um universo próspero a explorar aqui. Há uma oportunidade gigantesca de dar-se um salto com as leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc. E também na possibilidade de articulação de fundos privados aliados de uma política generosa.

C. É preciso revisar todo o universo dos direitos autorais, royalties e programas de apoio para espetáculos, no sentido de compreender o alcance dos valores gerados por essa economia, bem como proteger criadores e cidadãos da usura. Aqui há um universo gigantesco de luta contra a exploração e precarização. Também de regulação. Além de ser uma das principais disputas geopolíticas do nosso tempo.

D. Por fim, uma política para a economia das artes e das culturas contemporânea deve se debruçar sobre modos de fazer, se organizar, se associar, cooperar e colaborar que auxiliem o campo cultural a dar um passo além. Boas práticas e soluções se espalham pelo Brasil e pelo mundo. É preciso reconhecê-los, evidenciá-las, estimulá-las e replicá-las, por meio de sistematização, partilha e formação

em torno desses conhecimentos. TAGS

AILTON KRENAK, COOPERAÇÃO INTERNACIONAL, ECONOMIA DA CULTURA, ESTADO INDUTOR, JUCA FERREIRA, LEWIS HYDE, MECENATO, MINISTÉRIO DA CULTURA, POLÍTICAS CULTURAIS, RENDA BÁSICA PARA ARTISTAS, VALOR DE TROCA



# Lei Paulo Gustavo

Juntos para a cultura resistir

**A Lei Paulo Gustavo vem aí em 2023!**

**COBRE DO GESTOR CASO O SEU MUNICÍPIO AINDA NÃO  
TENHA FEITO A ADESÃO!**

**COMITÊ NACIONAL LEI PAULO GUSTAVO**

<https://linktr.ee/leipaulogustavo>



# Cineasta Cesar Raphael inicia as gravações de seu longa-metragem



“Uma Canção para Victoria” em terras mineiras

Após anos fora do país, o cineasta Cesar Raphael reativa a produtora LUMIART em BH e inicia as gravações de seu longa-metragem “Uma Canção para Victoria”. O filme é o primeiro longa dirigido pelo premiado cineasta mineiro.

Cesar conquistou 16 premiações internacionais, a maioria com seu curta-metragem “Pedaço de Papel”, o que o levou a ser representado por um empresário em Los Angeles e a passar uma temporada de seis anos em Hollywood. A FORBES Brasil o elegeu como um dos 30 under 30 (uma das 30 pessoas mais proeminentes do país abaixo de 30 anos). Em Los Angeles, nos Estados Unidos, Cesar foi mentorado pelo ganhador do Oscar Bobby Moresco e estudou em instituições como a New York Film Academy.

De volta ao Brasil, Cesar Raphael se associou ao produtor e diretor Gustavo Andrade em uma empreitada que promete. Gustavo é um promissor cineasta mineiro que vem construindo uma sólida reputação também como ator e empresário. Ele acabou de encerrar as filmagens seu curta-metragem “O Som do Silêncio”, em pós-produção e com lançamento previsto para o primeiro semestre de 2023.

Cesar e Gustavo uniram forças para produzirem seus projetos autorais e relançarem a produtora LUMIART para o público brasileiro, completamente revitalizada para uma nova era. Além do longa “Uma Canção para Victoria”, que é o carro-chefe, a produtora tem vários projetos que chegam ao mercado nos próximos meses: um novo curta-metragem, um curso de Atuação para Cinema, um curso on-line de Direção para Cinema e seis videoclipes produzidos para o músico mineiro Mateus Baêta. O primeiro destes videoclipes já teve sua estreia no Los Angeles Brazilian Film Festival em novembro e arrebatou mais um prêmio internacional, dessa vez o de melhor cinematografia, conferido a Luan Kraz, que também assina a direção de fotografia do longa-metragem. Mas tudo isso sem tirar o olho do principal projeto da produtora, o longa “Uma Canção para Victoria”.

Este é um sonho que Cesar Raphael nutre há anos, e que, aos poucos, vem se realizando com muito suor. O filme conta a história de um músico frustrado, que após conhecer uma estrangeira, embarca com ela em uma jornada por Minas Gerais, que o faz recuperar sua inspiração e redescobrir a alegria da vida. Um tema que, hoje em dia, todos poderíamos dar um pouco mais de atenção. O filme é um misto de musical, drama, comédia e romance, adotando gêneros e estilos raramente vistos na cinematografia brasileira. Apesar de ser falado majoritariamente em inglês, ele se

passa em Belo Horizonte e no interior de Minas, e promete levar um novo e inédito retrato de nossa cultura para as audiências internacionais.

O projeto tem aprovação da ANCINE, sendo financiado através da Lei Federal do Audiovisual, que permite que empresas brasileiras destinem parte de seu imposto de renda ao projeto. Assim, as empresas não gastam nada para investir, pois o valor investido é 100% deduzido do imposto a pagar, e ganham publicidade no filme, tornando-se patrocinadores oficiais sem ter nenhum custo. Empresas como a Vina, Multimarcas Consórcios, o Museu Inhotim, o Hotel Ville Celestine, o Instituto Thoppi e a Funarte MG são investidores e parceiros do longa-metragem e, graças a eles, o filme “Uma Canção para Victoria” entrou em produção e já teve cenas rodadas. Mas o processo de captação de recursos continua, e empresas de todo Brasil são bem-vindas.

A premiada atriz brasileira Thaís Maya, que reside em San Diego, na Califórnia, virá ao Brasil no próximo mês para gravar suas cenas no longa. “Thaís interpreta uma personagem marcante, que é responsável pelo principal ponto de virada filme”, diz Cesar. Ele e Thaís se conheceram em um festival de cinema em Los Angeles. “Ao assistir ao curta ‘Siren’, no qual ela é a protagonista, fiquei boquiaberto, já sabia imediatamente que ela seria perfeita para o papel no meu filme. E graças a Deus ela topou”, ressalta Cesar.

Além de atriz e modelo internacionalmente premiada, Thaís Maya tem ainda se destacado como influenciadora digital, somando



mais de 100 mil seguidores no Instagram e mais de 330 mil no Tik Tok. Estudou atuação na Stella Adler Studio (USA), NIDA (Austrália), e com Wolf Maya e Beto Silveira (Brasil). Desde os quatro anos vem interpretando inúmeros papéis no teatro, na TV e no cinema e agora se prepara para estrear no filme “Uma Canção para Victoria”.

“Aqui no Festival de Los Angeles, quando assisti ao trabalho do Cesar como ator e diretor, eu fui literalmente em busca dele em meio à multidão no evento simplesmente para parabenizá-lo pelo trabalho impecável. Para mim é uma honra fazer parte desse trabalho magnífico”, conta Thaís.

Para conseguirem produzir este filme de maneira independente, as cenas estão sendo filmadas por partes. O primeiro bloco de filmagens já foi concluído e, para filmarem o segundo bloco, com todas as cenas da atriz Thaís Maya, estamos contando com a ajuda de empresas e pessoas que queiram contribuir. Devido à agenda da atriz nos Estados Unidos, ela só poderá estar no Brasil para as filmagens entre fevereiro e abril deste ano. “Temos uma urgência enorme, pois se não filmarmos suas cenas neste

período, perderemos sua crucial participação no filme. Por isso estamos lançando uma campanha de crowdfunding para completarmos os fundos para estas filmagens”, destaca Cesar Raphael.

Para os que nunca ouviram falar, o crowdfunding é um sistema de financiamento que vem do público. É uma espécie de vaquinha virtual onde qualquer pessoa pode contribuir com o projeto. O processo tem sido decisivo para que projetos independentes sejam executados, já que só depende do aval do público para que

aconteçam, e tem sido utilizado não só por artistas independentes, mas também por cineastas renomados como Spike Lee. “Estamos angariando R\$ 10.000,00 na plataforma Catarse. O dinheiro arrecadado será destinado para as filmagens das cenas com a atriz Thaís Maya. Os interessados podem contribuir com 10 reais ou 10 mil reais, o valor que quiserem. E com isso, os contribuintes passam a ser parte de toda essa aventura conosco, tendo acesso exclusivo a cenas já filmadas, a uma masterclass inédita onde explicamos o passo a passo de como estas cenas foram produzidas, além de estarem no set conosco ou ganharem convites

VIP para o evento de estreia e vários outros benefícios. Assim, não estarão só assistindo a um filme, mas fazendo parte da construção dele. E é claro, estará nos ajudando a realizar nosso sonho e contribuindo para um projeto de qualidade no cinema nacional”, explica Cesar.

“Este é um projeto criado e executado com muito amor, com muita garra. É um sonho e nós estamos lutando por ele. Não é uma oportunidade que nos foi dada, é uma iniciativa própria, um projeto de paixão”, acrescenta Thaís Maya. Para participar

acesse [www.lumiartfilmes.com](http://www.lumiartfilmes.com) e siga Cesar Raphael nas redes sociais @cesarraphael\_filmmaker / cesarraphael.com.br. Siga também a atriz Thaís Maya nas redes sociais @thaismayaofficial / [www.thaismaya.com](http://www.thaismaya.com) e também o cineasta, ator e produtor na LUMIART Gustavo Andrade em @lgustavo.andrade e no website da produtora LUMIART: [www.lumiartfilmes.com](http://www.lumiartfilmes.com).

Assessoria de Imprensa  
Helga C. Prado – Vitória-Régia Comunicação  
31 98632.4429 – [helgacampos@gmail.com](mailto:helgacampos@gmail.com)



# EDUCAÇÃO INCLUSIVA!

No Brasil uma realidade ou sonho?



Ricardo França

Educação inclusiva definição: (Uma educação inclusiva integra os alunos com necessidades especiais, em escolas regulares, por meio de uma abordagem humanística. Essa visão entende que cada aluno tem suas particularidades e que elas devem ser consideradas como diversidade e não como problema.)

Sou a favor da inclusão nas condições propícias para os professores atender essas crianças. A inclusão é necessária e muito bonita desde que as escolas sejam munidas de profissionais e ferramentas que são necessárias ao acompanhamento dessas crianças, que possam dar real apoio para às que precisam.

Pois é muito fácil para o estado falar de inclusão e jogar toda a responsabilidade nas costas das escolas e profissionais que compõe o corpo docente. A função dos professores é ensinar e fazem isso com maestria e o trabalho dos mestres não fica restrito à escola sabemos que muitas vezes trabalham fora da carga horária para planejar aulas provas trabalhos, agora além deles para atender os alunos com necessidades especiais, teriam de ter também neste ambiente psicólogos, psicopedagogos, fisioterapeutas, enfermeiras, para crianças que necessitam dos mesmos de acordo com a necessidade de cada um.

Se a escola não for munida desses profissionais para fomentar o atendimento necessário para essas crianças seria como dizer a um caminheiro levar uma carga valiosa com um caminhão porem esse caminhão não tem rodas. E quando ele perguntar sobre as rodas dizer a ele: \_\_\_” se vira o caminhão e a carga valiosa estão aí agora para levar você que de um jeito!

Os profissionais citados acima são as rodas. Não adianta ter o caminhão a escola, não adianta ter a carga valiosa o aluno que é o motivo de tudo existir da jornada na educação, se não tiver as rodas a engrenagem que podem levar essa carga tão rica. E sabemos que o caminhão é composto de várias rodas, os professores representam uma dessas rodas os outros profissionais representam o restante do número de rodas necessárias para levar essa carga valiosa ao seu destino ao seu futuro de aprendizagem.

Assim como uma só roda não levaria o caminhão e precisam de todas as outras, as escolas para atender de maneira digna os alunos com necessidades especiais precisam também dessas outras rodas que representam os profissionais que tornariam a vida de todos neste ambiente mais feliz e acolhedor.

E claro levar também um projeto de conscientização a todos para que possam trabalhar com harmonia sem sobrecarregar tanto um corpo docente. Levar esta conscientização de como as crianças também poderiam ajudar seus amigos que precisam de mais ajuda. Mas sempre com acompanhamento profissional pois é importante lembrar que são crianças e tal responsabilidade não pode ser colocada sobre elas e sim a colaboração o carinho e o amor ao próximo.

E como diz: A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no 9.394/96 (Brasil, 1996), no Capítulo III, art. 4º, inciso III, é dever do Estado garantir o “atendimento educacional ESPECIALIZADO gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Assim com as ferramentas (equipe) necessária, a INCLUSÃO não seria apenas uma palavra bonita a ser usada no meio, mas sim uma realidade que infelizmente não conhecemos ainda.

E alguém pode dizer: “Há, mas isso ficaria muito caro aos cofres públicos”. Acredito que não pois o governo está destinando milhões a alguns artistas renomados que já são milionários e não precisam deste dinheiro e já deveriam estar aplicando em suas vidas o espirito empreendedor (talvez pelo fato de serem garotos (as) propagandas de grande potencial).

Então porque investir em nossas crianças que são o futuro de nosso país seria um fardo?

Há isso não é uma crítica contra a lei Rouanet, esta lei é boa, infelizmente só está sendo muito mal usada.

E porque outras profissões não tem o mesmo incentivo? A trajetória e dedicação na formação é a mesma!

Infelizmente a frase “Direito de todos” não se aplica neste caso.

Outra prerrogativa para ter projetos que realmente funcionem assim como tantos outros que precisam de apoio real será totalmente possível se eliminarmos a corrupção o que ainda em nosso país é uma utopia! Mesmo assim a verba para deixar as escolas munidas e preparadas para receber a inclusão de braços abertos existe, só precisamos da boa vontade dos governantes de dar o que realmente é necessário para que a inclusão seja uma realidade feliz para as escolas e crianças de nosso país e não só um sonho!

Ricardo R. França



**ALDO MORAES**

## O Brasil nas canções de amor

Segmento essencial nas canções líricas e também na música popular, as canções de amor falam direto ao grande público e no Brasil, se misturam e se confundem com a diversidade de gêneros, ritmos e abordagens. De Roberto/Erasmão Carlos a Leoni, Peninha, Caetano Veloso e Chico Buarque os autores nacionais tem narrativas e poéticas próprias que alimentam o imaginário brasileiro. Carlos Gomes, autor da emblemática ópera O Guarani é também lembrado pela modinha Quem Sabe?, executada em versão lírica em teatro e em shows por artistas como Ney Matogrosso, Cida Moreira e Francisco Petrólio. O eu lírico da canção reclama a distância da mulher amada e questiona se o juramento entre os dois continua: “Tão longe de mim distante, onde irá teu pensamento? Quisera saber agora se esqueceste o juramento. Quem sabe se és constante, se ainda é meu teu pensamento”.

Conhecido pelas séries choros e as Bachianas Brasileiras (em que funde a essência de Bach com a tradição musical brasileira), Heitor Villa Lobos é junto com Dora Vasconcelos o autor de Melodia Sentimental, uma espécie de choro-seresta também apreciada no universo lírico e nos palcos populares com gravações de Djavan e Eliseth Cardoso, por exemplo. Na canção, a natureza integra-se à plenitude do amor e suas realizações: “Acorda, vem ver a lua que dorme na noite escura. Que fulge tão bela e branca derramando doçura. Clara chama silente, ardendo meu sonhar”.

O portão (de Roberto e Erasmo Carlos) é uma canção de luz/sombra, esperança/retorno em que o personagem faz o caminho de volta para casa depois de aventuras e desventuras sem rumo. O cachorro o reconhece e o recebe apesar do retrato amarelado na parede e a indecisão de adentrar o antigo lar.

“Fui abrindo a porta devagar, mas deixei a luz entrar primeiro. Todo o meu passado iluminei e entrei...”

Autor e interprete de clássicos populares como Você não me ensinou a te esquecer e Sorte tem quem acredita nela, Fernando Mendes situou e trouxe a primeiro plano as questões do preconceito e acessibilidade em Cadeira de rodas (1975), a bela jovem deslocada do mundo e que pressente o amor platônico do garoto que sempre que passa por sua casa, sorri e a cumprimenta:

“sentada na porta, em sua cadeira de rodas ficava. Seus olhos tão lindos sem ter alegria tão triste chorava. Mas quando eu passava, a sua tristeza chegava ao fim. Sua boca pequena no mesmo instante sorria pra mim.”

Uma das mais sensíveis e esperançosas canções de amor é Sonhos, de Peninha e com destacada gravação de Caetano Veloso no disco Cores Nomes (1982) e fala de um cara que foi traído mas renuncia ao amor em troca da felicidade da amada e dos momentos incríveis e poéticos que viveu a seu lado. Caetano gravou com violão e voz e deu o toque intimista que a canção merecia:

“ Tudo era apenas uma brincadeira e foi crescendo, crescendo, me absorvendo que de repente eu me vi assim, completamente seu. Vi a minha força amarrada no seu passo, vi que sem você não há caminho, eu não me acho. Vi um grande amor gritar dentro de mim como eu sonhei um dia.

Quando o meu mundo era mais mundo e todo mundo admitia uma mudança muito estranha, mais pureza, mais carinho, mais alegria no meu jeito de me dar.

Quando a canção se fez mais clara e mais sentida, quando a poesia realmente fez folia em minha vida, você veio me falar dessa paixão inesperada por outra pessoa.

Mas não tem revolta, não. Eu só quero que você se encontre. Ter saudade até que é bom, é melhor que caminhar vazio. A esperança é um dom que eu tenho em mim.

Não tem desespero não. Você me ensinou milhões de coisas, tenho um sonho em minhas mãos. Amanhã será um novo dia e certamente eu vou ser mais feliz”.



Da primeira formação do Kid Abelha e importante compositor da banda, Leoni formou Os Heróis da resistência no qual foi o líder e hoje segue carreira solo. Uma das mais intimistas canções de Leoni escrita com Fabiana Kherlakian trata, de forma sutil, de um homem que fantasia a mulher ideal enquanto busca o prazer solitário:

“Não fala nada

Deixa tudo assim, por mim

Eu não me importo

Se nós não somos bem assim

É tudo real nas minhas mentiras

E assim não faz mal

E assim não me faz mal, não

Noite e dia se completam

No nosso amor e ódio eterno

Eu te imagino, eu te conserto

Eu faço a cena que eu quiser

Eu tiro a roupa pra você

Minha maior ficção de amor

E eu te recriei só pro meu prazer

Só pro meu prazer”.

Leoni foi um dos protagonistas do rock anos 80 com canções que abordam amores da juventude, ilusões da paixão e as constantes disputas entre os sexos. Só pro meu prazer é uma canção que já faz parte do inconsciente coletivo do país e tem sido regravada por cantores de vários gêneros musicais.

Finalizamos com a genial dupla Tom Jobim e Vinicius de Moraes com a afirmativa Eu sei que vou te amar, canção que ajuda no rompimento das canções e sambas dor de cotovelo do período

anterior a Bossa Nova. As letras musicais vem revestidas de esperança e vontade de amar e seguir as paixões por onde surgirem e ressaltam as belezas do Rio e do país tropical:

“Eu sei que vou te amar

Por toda a minha vida eu vou te amar

Em cada despedida eu vou te amar

Desesperadamente eu sei que vou te amar

E cada verso meu será pra te dizer

Que eu sei que vou te amar

Por toda a minha vida

Eu sei que vou chorar

A cada ausência tua eu vou chorar

Mas cada volta tua há de apagar

O que essa ausência tua me causou

Eu sei que vou sofrer

A eterna desventura de viver

À espera de viver ao lado teu

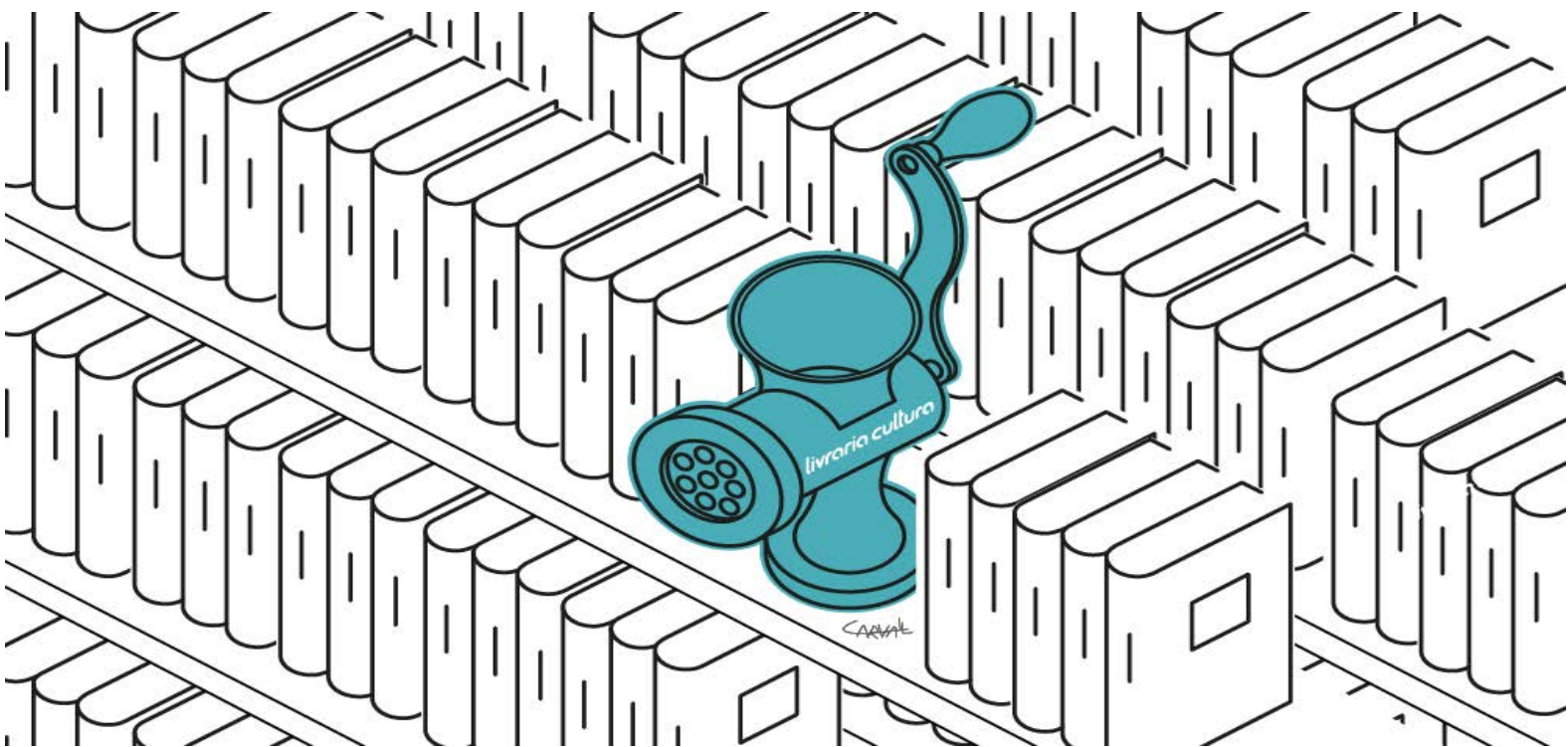
Por toda a minha vida”.

Aldo Moraes

comosermoraes@hotmail.com

# Assim a Livraria Cultura naufragou

Um livreiro relata a derrocada da empresa. Não foi a chegada da Amazon, mas a má administração somada à precarização dos vendedores, alma do negócio. Em nome de projetos megalomaniacos, o livro foi tratado como eletrodoméstico



Por Martim Vasques da Cunha, na Piauí | Imagem: Carvall

Começo essas memórias dos três anos, um mês e quinze dias em que fui vendedor da Livraria Cultura com um fato que foi testemunhado por outro “companheiro de trincheira” que deseja permanecer anônimo e ficou lá mais tempo do que eu. Portanto, ele viu “o início do fim”, especialmente quando, em 2017, ao entrar por acaso no elevador minúsculo que levava os clientes da célebre (e gigantesca) loja do Conjunto Nacional, em São Paulo, percebeu que estava na presença dos seus patrões – o patriarca Pedro Herz e os filhos Sérgio e Fabio – e notou que o clima entre eles era tenso.

Em apenas um minuto (talvez menos) de conversa, esse rapaz, espremido no compartimento, assistiu Sérgio (então presidente da Livraria) reclamar com Fabio (no papel de diretor-financeiro) sobre os gastos com a “menina dos olhos” do pai, a revista que a empresa distribuía gratuitamente a quem visitava o lugar. Pedro (membro do conselho de administração) suportava os resmungos dos dois com surpreendente estoicismo, até que finalmente disse, com uma voz irritada e sorumbática: “Vocês dois já foderam com a minha empresa, agora querem foder com a minha revista?”

O linguajar chulo com os filhos era o oposto da imagem

que Pedro queria apresentar aos outros fora do seu círculo familiar: a de que era um sujeito sofisticado e que tinha tudo sob seu controle. Naquela época, a Livraria Cultura já abria cerca de dezesseis filiais, entre elas a do Shopping Iguatemi, destinado à classe alta de São Paulo. A partir de 2015, “seu” Pedro (como o chamavam) foi o apresentador de um programa chamado Sala de Visita, exibido no canal da empresa no YouTube, no qual usava a sua rede de contatos – de jornalistas a escritores, passando por intelectuais e estilistas – para exibir sua simpatia. De certa forma, a atração no YouTube simbolizava, aos olhos do grande público, o auge da Cultura como um exemplo de sucesso que não parava de crescer havia mais de vinte anos. Os empresários mal sabiam que, na época daquela discussão presenciada no elevador, a livraria já estava indo ladeira abaixo.

Desde 2007, a saída gradual de Pedro Herz do controle da empresa, passando as decisões estratégicas importantes para Sérgio e Fabio, indicou a mudança definitiva de rumo – uma mudança cujas consequências foram levadas ao extremo e descritas no pedido de falência emitido pelo juiz da 2ª Vara de Falências e Recuperações Judiciais do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Ralpo Waldo de Barros Monteiro Filho, divulgada em 9 de fevereiro de 2023. Ele foi o responsável pela sentença que, depois de anos de agonia, selou o fim de uma verdadeira instituição,

que se despedia com a triste mancha de ter “relatos de indícios de fraude”, nas palavras do magistrado.

Entreí para o grupo de funcionários da Livraria Cultura no início de 2004, após passar por um processo de seleção muito peculiar. Formado em jornalismo, mas insatisfeito com os rumos da profissão em Campinas, onde eu morava, decidi tentar a sorte em São Paulo. Pedi a meu amigo Dionisius Amêndola, funcionário da livraria, que indicasse o meu nome para o setor de vendas, e iniciei minha jornada.

Ao ingressar na Cultura, tive a ilusão de que trabalharia com um objeto que sempre apreciei: o livro. O acervo era a grande diferença em relação aos seus competidores (em 2007, Pedro Herz se gabou de ter mais de 1 milhão de itens, incluindo CDs e DVDs, à disposição dos clientes; em 2018, o número chegou a 9 milhões). Porém, não foi bem com isso que eu tive de lidar.

O primeiro indício de que teria de mudar a minha atitude ocorreu logo durante a seleção de futuros funcionários, realizada pelo departamento de Recursos Humanos. Exceto por um ou outro concorrente que também era de classe média e desejava trabalhar na Cultura porque tinha as mesmas fantasias que eu, a maioria das pessoas reunidas no nono andar do prédio Horsa 2 do Conjunto Nacional (onde ficava o quartel-general da empresa) estava ali por um único motivo: precisava de um emprego.

O processo de seleção tocava no assunto “conhecimentos gerais”, mas com parcimônia. O critério principal visava a perceber quem conseguia trabalhar em grupo, orientar os que tinham dificuldade na dinâmica de equipe e ajudar o candidato a realizar a tarefa. Não à toa, em uma das fases, foi exibido um vídeo motivacional, mostrando gansos que voavam como um time, edulcorado com frases típicas de manuais de autoajuda. Depois, os selecionados se reuniram em uma sala e brincaram de “escravos de Jó”, e quem se perdia no ritmo da cantiga era o eliminado da turma (o RH somente observava, sempre com o auxílio de um vendedor veterano; o candidato que se regozijava da falha do outro era expulso da seleção). Apenas na última fase havia uma entrevista com o diretor do departamento, que aprovava ou não o escolhido.

Não fui contratado para fazer parte da equipe do Conjunto Nacional, mas da filial do Shopping VillaLobos, um centro de compras que atende à elite econômica moradora do Alto de Pinheiros e arredores. Isso foi uma diferença fundamental nos anos que permaneci ali, por três motivos.

O primeiro é que os “vendedores do Villa” (como eram conhecidos) tinham um modo mais tranquilo de atrair os clientes e indicar os livros, diferente da equipe da Paulista, que era extremamente ágil e competitiva, por causa do grande número de clientes naquela região. O segundo é que quem trabalhava no Villa, apesar de ter uma remuneração um pouco menor do que a da loja principal, tinha a chance de ganhar uma bela grana no fim do mês, por causa da movimentação no shopping em épocas de festas. Como a comissão de vendas nunca foi individual e sim coletiva (por loja), isso possibilitava, por exemplo, um funcionário

ganhar mais de 5 mil reais na Páscoa e no Natal – na época, mais do que pagava a Saraiva ou a megastore francesa Fnac (o salário na Cultura ficava, em média, entre 3,5 mil e 4 mil reais, um assombro para o varejo de livros). A terceira razão é que a equipe do Villa, mesmo com as tensões do dia a dia, era muito mais unida do que a da matriz, especialmente na hora de lidar com clientes problemáticos (que eram inúmeros).

Talvez de forma inconsciente – e indo na contramão do que pensava o público sobre a eficiência do time da Paulista –, o espírito de trabalhar na loja do Shopping VillaLobos preservava muito mais da época em que a Livraria Cultura ainda se chamava Biblioteca Circulante, quando foi criada por Eva Herz, mãe de Pedro, uma alemã que fugiu da Segunda Guerra Mundial em 1939, com seu marido, Kurt Herz.

Como o próprio Pedro Herz narra em seu livro de memórias, *O Livreiro* (2017, escrito em parceria com a jornalista Laura Greenhalgh), seus pais eram judeus “que vieram para este país literalmente com a roupa do corpo, quando a Europa mergulhava numa longa noite de trevas” e que foram obrigados a viver de forma austera na cidade que os acolheu para sempre – São Paulo.

Kurt Herz (em alemão, o sobrenome significa “coração”) tentou sustentar a família trabalhando como representante comercial de uma indústria de tecidos. Enquanto isso, Eva cuidava dos dois filhos, Pedro e Joaquim, sem saber o que fazer com a penúria que sempre se aproximava no final do mês. Ela teve, então, uma ideia para ganhar dinheiro sem precisar sair de casa. “O que lhe pareceu mais eficaz”, conta Pedro, “foi comprar um lote de dez livros em alemão, todos best-sellers, para alugar a seus compatriotas em São Paulo”. E assim nasceu a célula mater da Livraria Cultura em 1947, “num sobrado no bairro dos Jardins, no número 1.153 da Alameda Lorena, sem placa na porta”.

As lembranças de Pedro daquela época são muito vívidas. Então com 7 anos de idade, ele recorda que “as dificuldades econômicas do pós-guerra limitavam tudo, inclusive o acesso aos livros. Só que os imigrantes alemães reunidos na cidade, notadamente os judeus expulsos de seus países pela perseguição de Adolf Hitler, tinham um bom nível cultural. Queriam e precisavam ler mais”. Eva Herz percebeu que sua clientela era composta de pessoas que tinham o hábito de leitura, “cultivado na terra natal, certamente em longos invernos”. Com os livros circulando na comunidade, também aumentou o boca a boca, e a Biblioteca Circulante se expandiu, aumentando o número de livros importados para empréstimo.

Enquanto testemunhava o modesto sucesso financeiro da empreitada materna, Pedro aprendeu a sua primeira lição de gestão: seus pais “nunca se endividaram para crescer”. “O lucro deve voltar para o negócio”, eles lhe diziam. Nunca tiveram “casa de praia, chácara, fazenda, e mesmo o primeiro carro demorou a estacionar em nossa garagem”. Depois dos títulos europeus, Eva começou a comprar obras de autores nacionais e, lentamente, os livros tomaram conta da casa onde moravam os Herz. A expansão foi tamanha que, finalmente, Kurt e Eva se viram obrigados a alugar

outro imóvel na mesma rua para onde haviam se mudado, a Augusta.

Aos poucos, o casal também passou a vender livros, além de alugá-los. A biblioteca e a livraria conviviam entre si, junto com os Herz nos fundos da casa, e cada parte do casal se revezava na hora do almoço para atender a clientela, sempre exigente e inusitada. Um dia, alguém foi à loja e perguntou a Kurt pelo livro *A Nossa Vida Sexual*, de Fritz Kahn. Para atender ao pedido, o pai de Pedro, dotado de um vozeirão grave, gritou à esposa enquanto ela manobrava as painéis na cozinha: “Querida, ainda temos *Nossa Vida Sexual*?”

A Biblioteca Circulante só se transformou definitivamente em Livraria Cultura em 1969, quando se mudou para uma loja do Conjunto Nacional, na Avenida Paulista. Em 2001, com a morte de Eva, Pedro Herz assumiu o comando definitivo da empresa.

A filial de 3.200 m<sup>2</sup> do Shopping VillaLobos, inaugurada em 19 de abril de 2000, foi o primeiro sinal de uma ambição que envolvia uma considerável dose de risco: entrar no mercado das megastores, o conceito de livraria iniciada no Brasil pela Livraria Ática (depois adquirida pela Fnac), que unia em um único lugar, além da seção de livros, as de discos e filmes.

Para isso acontecer a contento, Pedro, Sérgio e Fabio investiram em um sistema de tecnologia peculiar que amarrava as pontas soltas de informação, catalogação e de controle de tudo que entrava e saía em ambas as lojas. Pedro sempre foi um apaixonado por pabx, fax e internet, estimulando o aperfeiçoamento entre os diversos departamentos da empresa. Não à toa, ele foi o principal responsável por incentivar a importação de livros estrangeiros, algo quase inédito no país, o que tornou a Cultura uma referência para quem buscava as novidades literárias dos Estados Unidos e da Europa antes que elas fossem traduzidas para o português. Essas inovações também eram o indício de que a arte de vender um livro passava a ser vista como uma técnica comercial. De fato, criar essa estrutura era algo pioneiro no Brasil; e mesmo que, no cotidiano, ela tenha sufocado com mão de ferro a vida profissional do funcionário da Cultura, não havia outro jeito: ou você entrava na lógica do sistema ou não conseguiria trabalhar de maneira eficaz.

Esse “sistema” – a coluna vertebral em termos operacionais da Cultura – consistia no seguinte procedimento: o cliente, ao entrar na loja para comprar um livro, aturdido pelo caos planejado que havia no espaço (no caso da Paulista, as prateleiras eram abarrotadas de volumes; já no da VillaLobos, a arquitetura da filial imitava de propósito um labirinto), logo perguntava a um vendedor pelo título desejado. Se o cliente já sabia o título do livro, ao funcionário bastava pegar o volume numa das rodas de exposição espalhadas pela loja (uma invenção da Cultura, depois imitada por outras livrarias) ou, caso a loja não tivesse o título, encomendá-lo, com prazos de entrega de sete a dez dias úteis em média (se o livro tivesse sido editado no Brasil), ou de quatro a seis semanas (se fosse publicado no exterior).

Nem sempre o funcionário era sortudo de encontrar um cliente que tivesse o título do livro na ponta da língua. A maioria dos consumidores não era nada sofisticada, como alguns imaginam (exceto pelas honrosas exceções que depois se transformaram em amigos por toda a vida). Era, isso sim, bastante complicada e, muitas vezes, grosseira com o vendedor, tratando-o como se ele fosse um escravo – como se não bastasse para quem trabalhava ali o expediente de oito horas, em pé, com apenas um intervalo para almoço ou jantar, uma folga por semana, outra folga dupla a cada dois finais de semana e a atmosfera estressante nos bastidores.

Na prática, isso significava duas coisas. A primeira era que o funcionário se via obrigado a decifrar o que o cliente realmente queria e, assim, tornava-se imperativo usar da memória para adivinhar o produto desejado. Naqueles anos ainda não havia o Google, e o sistema de tecnologia da Cultura não permitia consulta a sites externos, exceto o próprio endereço virtual da empresa (o que mudaria mais tarde). A segunda era que, como a Cultura era também uma empresa de “serviços” (e não apenas uma rede de varejo), o vendedor também tinha de atender aos caprichos mais loucos, em especial quando o produto precisava ser entregue em um determinado endereço, em tempo muito exíguo, pois era um presente importante, por exemplo.

Nesse quesito, a logística da Cultura era impecável: junto com a equipe da internet e do site (responsável por 30% das vendas da empresa nos anos 2000), os Herz construíram uma estrutura que permitia que o livro chegasse nas residências em menos de oito horas, se fosse enviado dentro do horário comercial na Região Metropolitana da capital, e em menos de 48 horas, se fora do estado de São Paulo (o futuro intercâmbio de transferências entre as lojas, quando a Cultura expandiu-se para Porto Alegre, Recife e Curitiba, agilizou ainda mais esse processo).

É muito provável que o cliente nunca tenha tido conhecimento disso, mas o livro, CD ou DVD passava por, no mínimo, umas cinquenta pessoas antes de chegar às mãos dele – e cada item era catalogado minuciosamente por notas fiscais que indicavam a entrada numa expedição lotada de caixas gigantescas e de rapazes mal-encarados, passando pela intermediação da parte de reservas, com meninas que guardavam cuidadosamente o item encomendado, terminando com a saída do produto em um caixa com um funcionário – homem ou mulher – que em geral aspirava subir na hierarquia da Livraria Cultura, tornando-se vendedor.

Sim, o núcleo da empresa estava justamente no setor de vendas – e, quando os Herz passaram a desprezar isso, a ruína de tudo o que construíram foi a única consequência possível. Isso teve início quando a diretoria começou a confiar de forma absoluta no tal do “sistema”. Pouco importava se o vendedor havia cometido um erro de procedimento devido a alguma bobagem: o “sistema nunca errava”, era o que diziam, mesmo com todos os bugs possíveis que ocorriam na hora de emitir uma simples nota fiscal. A punição era exemplar – o funcionário pagava com uma “doação” (leia-se: dinheiro retirado do seu próprio salário) – se errasse numa entrega.

O irônico disso tudo é que, apesar de Pedro Herz se autointitular um “livreiro”, preocupado com a disseminação do livro e da leitura no Brasil, ele não conseguiu compreender (nem fazer seus filhos entenderem) que havia uma distinção fundamental entre cumprir esse papel e ser um mero vendedor – e que essa diferença era o que tornava a Cultura uma experiência ímpar entre as livrarias brasileiras, frequentada por personalidades das elites literária e política. Nos anos 1980, a sua fama era tamanha entre os intelectuais que, nas mesas na área externa da loja do Conjunto Nacional, na Paulista, o cliente poderia encontrar autores como Marcos Rey, Ignácio de Loyola Brandão e Mário Chamie, sem falar na presença ocasional de Caetano Veloso e de Haroldo de Campos, declamando poemas sem que ninguém os importunasse com pedidos de autógrafos.

Todo esse encanto tinha como centro esse personagem anônimo – o livreiro, que nunca foi, de maneira alguma, um vendedor qualquer. O primeiro é diferente do segundo por causa de um detalhe essencial: o livreiro trata o objeto “livro” sabendo da sua importância espiritual, como pedra angular da construção de um imaginário, enquanto o vendedor acredita que o mesmo “livro” pode ser tratado como se fosse um par de sapatos, uma peça de roupa ou então – o que é pior – um eletrodoméstico.

Paradoxalmente, a grande lição que a Cultura transmitia a quem começava a trabalhar ali era que, mesmo se o funcionário não gostasse de divulgar um livro (e até do ato de leitura em si), ele era obrigado a se virar e começar a sua educação (nesse ponto, a empresa facilitava na compra de itens das próprias lojas, com generosos descontos que transformavam o vendedor em um “cliente interno”). Quando se uniam em equipe para agradar o cliente, os livreiros eram “companheiros de trincheira”, semelhantes ao vaso que é moldado pelo oleiro que, às vezes, precisa quebrar a argila em dois ou três pedaços para que ela fique perfeita para o seu uso no futuro.

O problema foi que o oleiro se comportava como um verdadeiro carrasco. Os Herz nunca foram modelos no quesito “gentileza”, especialmente na maneira como tratavam seus funcionários. Quando um deles chegava na loja, sempre para vigiar, jamais para incentivar, instaurava-se um clima de temor e terror. Geralmente, Sérgio e Pedro não cumprimentavam os vendedores (apenas Fabio fazia isso; ele sempre foi o mais simpático do trio) e iam conversar com os “compradores” (os verdadeiros administradores das filiais, que cuidavam do estoque e gerenciavam a equipe).

Muitas vezes esses “compradores” eram a proteção que evitava que a família Herz lidasse diretamente (normalmente com resultados catastróficos) com a equipe da loja. Isso era fundamental porque, quando um dos três falava com algum funcionário, era frequentemente para dar um esporro. Cada um que trabalhou na Cultura já levou uma bronca de Sérgio Herz e até hoje não se esquece da sua face absolutamente deformada, balbuciando coisas impronunciáveis (eu tive o meu “batismo de fogo” no primeiro mês de trabalho, porque me atralhei no momento de atender um cliente, e por causa disso não dormi direito por duas semanas).

A rotatividade de vagas era intensa na empresa; o expediente era exigente e a própria equipe que comandava a loja pouco se importava de fato com o que estava acontecendo na vida pessoal do vendedor. Afinal, os “compradores” precisavam agradar aos Herz – e novos sacrifícios eram exigidos a cada semana. Mas, por outro lado, havia, sim, espaço para crescimento de pessoas que se mostravam conhecedoras e interessadas no mundo livreiro e nos processos de compra, consignação, vendas, e outros que tinham facilidade e talento na condução das equipes de vendas, além daqueles que eram peritos no sistema operacional da livraria. Portanto, quem permanecia na Cultura era alguém que havia conquistado uma clientela leal, exibia bons resultados de vendas e dominava o que praticava ou era alguém que praticava a famosa regra de qualquer empresa: puxar o saco dos patrões.

Isso criava uma “seleção natural” na livraria: havia aqueles que subiam na hierarquia, pois se mostravam leais à diretoria, e havia aqueles que só permaneciam ali para pagar suas contas no final de cada mês. Os primeiros ganhavam regalias que os outros mortais mal sabiam que existiam – e havia um culto à fidelidade e, ao mesmo tempo, o incentivo à delação constante. Assim, os Herz já ajudaram funcionários que estavam endividados, com doenças graves, problemas de moradia, ou que eram alcoólatras. Em troca, esses empregados observavam os outros colegas da empresa e, dependendo do humor e do gosto de cada um, deduravam erros verdadeiros ou imaginários.

Logo, o que existia na Livraria Cultura era, com o perdão do trocadilho, uma “cultura do medo”, que nos contaminava no dia a dia e era acentuada nas grotescas reuniões com a diretoria, realizadas no meio de cada mês para discutir o balanço financeiro da loja. Nelas, os Herz davam o seu show de horrores. O personagem principal era, obviamente, Sérgio, o “tira do mal”; raramente Fabio aparecia nelas (pelo menos no Villa); e Pedro ficava na esquiwa, somente observando, como se representasse o papel de “policia bonzinho”. O lugar desses encontros era a Sala Eva Herz, com 139 lugares, inaugurada na loja da VillaLobos em homenagem à fundadora da empresa, mas que acabou por se tornar um palco de memória infame.

Era muito difícil uma reunião com os vendedores terminar com um final feliz. Depois de 2006, a filial do VillaLobos teve uma queda gigantesca nas vendas por causa da abertura da loja no Shopping Market Place (localizado no bairro do Morumbi, não muito distante de Alto de Pinheiros, competindo assim com o público da VillaLobos) e da gigantesca central da Paulista, com 4.200 m<sup>2</sup>, no espaço onde antes havia o Cine Astor. Com isso, a diretoria acionou a equipe para saber o que estava acontecendo. Ocorre que, em nenhum momento, os Herz quiseram admitir para si mesmos que a dilapidação da primeira megastore da Cultura acontecia justamente porque eles estavam com uma estratégia completamente equivocada – na qual a expansão de diversas lojas na cidade de São Paulo (e depois no resto do Brasil, com inaugurações em Campinas, Brasília, Porto Alegre, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza e Rio de Janeiro) era apenas o primeiro passo para uma canibalização entre os diversos tipos de alvos comerciais que a livraria tinha.

Os “vendedores do Villa” foram as cobaias do experimento social que os Herz sempre praticaram com seus funcionários quando não queriam reconhecer qualquer tipo de equívoco. Em uma das reuniões que aconteceram na Sala Eva Herz do VillaLobos, com a crise na filial já estabelecida (mesmo com uma estimativa total de faturamento de 450 milhões de reais em 2009), Sérgio e Pedro chamaram a equipe de vendas e, sem dizer bom dia aos presentes, começaram uma litania de xingamentos. Lembro-me nitidamente que Sérgio nos chamou de “bostas”, “seus merdas”, “imprestáveis”. “Se vocês acham que são indispensáveis”, berrou, “saibam que não são indispensáveis porra nenhuma. Todos são dispensáveis, isso sim, e eu posso substituir cada um de vocês aqui. E mais: vocês não terão como ir para um lugar melhor, com o salário que ganham nesta empresa, porque vou queimá-los no mercado de trabalho.” Pedro complementou, talvez para contrabalançar a agressividade do filho, ao afirmar que “era hora de cometermos novos erros, e não os erros do passado”, mas que era também a hora de perceber que “estamos indo ladeira abaixo, e lá no fundo existe um lago cheio de cacos de vidro”.

O rendimento da loja do VillaLobos ficava cada vez mais claudicante – e continuaria assim até o seu fechamento, em 2019. Nesse meio-tempo, os abusos da diretoria dirigidos aos empregados passaram a ser notórios, com declarações desses contratados em sites a respeito de demissões, perseguições e achaques, além de ações trabalhistas que pediam grandes quantias reparatórias.

Pouco a pouco, a estratégia de canibalização imposta pela diretoria em relação às filiais também se somou a outra grande loucura corporativa: a união com o banco de investimento Neo, que simplesmente decidiu que o salário dos livreiros tinha de ser drasticamente diminuído. O que se seguiu foi a óbvia decadência da qualidade do setor de vendas e do interesse do funcionário em continuar na empresa: “Por que vou suportar os assédios desses patrões se eles não me dão nada em troca?”, pensavam eles. Uma ação trabalhista era mais vantajosa do que continuar naquele ambiente insalubre – e os “escravos de Jó” começaram a errar o ritmo da cantiga de propósito.

A expansão da Cultura atingiu igualmente o trato com as editoras. Até 2011, a empresa cumpria com primor o pagamento a seus fornecedores. Sempre comprava os livros, e era muito difícil praticar a consignação (quando se pode pagar apenas os exemplares vendidos nas lojas depois de um período de 60 até 90 dias úteis). Diferentemente do que ocorria com a Saraiva e a Siciliano, as competidoras diretas no mercado e que às vezes demoravam para cumprir o prazo consignado, os editores gostavam de trabalhar com os Herz porque tinham certeza de que o dinheiro seria depositado em suas contas. Mas, então, em meados de 2014, a Cultura começou a praticar somente a consignação. A compra de livros ficou apenas acessível para os grandes grupos editoriais (entre eles, Companhia das Letras e Record), e as outras editoras, especialmente as independentes, dependiam dos humores dos “compradores” da Cultura para saber se iam receber ou não o valor descrito na nota fiscal de consignação.

A Cultura alegava que a mudança de procedimento se devia à entrada da Amazon no mercado editorial brasileiro naquele mesmo ano. E, de fato, a empresa norte-americana começou a fazer algo que foi instituído pelos Herz no passado: a compra de livros, sem dar prioridade à consignação, pelo menos na maioria dos seus acordos com as editoras brasileiras. Contudo, a expansão tresloucada da Cultura, somada à péssima gestão de funcionários e ao sucateamento da própria infraestrutura criada (tornou-se impossível realizar uma transferência de livros com a precisão que ocorria no passado e, pouco a pouco, os tomos importados sumiram das prateleiras), confirmou que a Amazon não foi a grande culpada da derrocada dos Herz.

A chegada da companhia de Jeff Bezos ao Brasil foi apenas o catalisador de uma empresa que se autodestruíu porque ficou imersa em uma realidade alternativa, incapaz de admitir os seus problemas internos (simbolizados pela saída de Fabio Herz da diretoria em 2018). E, apesar da aquisição de uma combalida Fnac em 2017 (repassada em 2020, porque a própria Cultura não tinha condições de suprir a enorme demanda de produtos) e da Estante Virtual em 2019 (vendida um ano depois ao Magazine Luiza, pois os Herz não entenderam a agilidade exigida de sebos virtuais), a Cultura foi perdendo sua força, até chegar ao pedido de recuperação judicial feito em plena pandemia, principalmente para cobrir um buraco de 285 milhões de reais.

Todos esses números escondem um drama humano: o dos funcionários que, ao serem demitidos pela empresa, ainda aguardam as suas reparações trabalhistas legalmente garantidas. Em 14 de fevereiro passado, cinco dias depois da decretação de falência, a livraria resolveu promover um evento chamado “Ocupe a Cultura”, no qual personalidades do mundo artístico – entre elas, atores que tiveram suas peças exibidas no Teatro Eva Herz da Paulista – defendiam a permanência do estabelecimento, apesar de todas as dívidas que precisava pagar.

As celebridades presentes foram irrelevantes, mas o evento ganhou espaço nos jornais porque uma funcionária, Jéssica Ribeiro Santos, de 32 anos, protestou e disse sem meias palavras: “Eu acho isso vergonhoso.” Ela se referia às seis parcelas de 600 reais de sua restituição que a livraria estaria devendo. “Vim aqui pedir o que é meu, eu trabalhei, eu prestei serviço. Antes de vocês se lamentarem, lembrem-se que a Cultura faliu devido à má administração do senhor Sérgio Herz”, disse ela. O detalhe que não foi mencionado na imprensa, porém registrado em imagens viralizadas pela internet, é que Santos também afirmou que teve de se prostituir para conseguir pagar suas contas enquanto ainda espera pelo resto do dinheiro devido. Pedro Herz estava presente no evento, mas ficou em silêncio o tempo todo.

Naquela mesma semana, a Cultura conseguiu suspender a liminar de decretação da falência – e a loja no Conjunto Nacional funcionava normalmente, expondo livros de fundo de catálogo (lançados há muito tempo pelas editoras) para disfarçar o fato de que a maioria das grandes editoras pediu

a devolução de seus lançamentos, porque não sabia se iria receber o valor negociado com a empresa durante o período de recuperação judicial. Como se isso não fosse suficiente, paira a sombra de “relatos de indícios de fraude”, escrita na sentença do juiz, principalmente em “movimentações financeiras realizadas por sócios da empresa [a 3H, holding que comanda as operações da Cultura, nome que é óbvia referência aos Herz]”, além da reclamação de “diversos credores” que “também noticiaram o inadimplemento dos seus créditos”. Contudo, a própria administradora judicial responsável pela recuperação da Cultura – o escritório Alvarez & Marsal, que pediu para ser destituída da função – “reiterou a informação de que, desde setembro de 2020, não recebe as parcelas dos seus honorários”, acumulando-os na soma de 806 mil reais. Como se não bastasse, a gigantesca loja da Paulista está ameaçada de ser despejada, segundo o escritório Mazetto Advogados, que representa o grupo empresarial Bombonieres Ribeirão Preto, dono do imóvel, com uma dívida de aluguel no valor de mais de 20 milhões de reais (Sérgio Herz alega que a situação está prestes a ser resolvida entre as partes). Em outras palavras: ao contrário do que o jovem Pedro aprendeu com seus pais Kurt e Eva, o lucro não voltava mais para o negócio porque a família inteira teve de se endividar para crescer às custas dos outros.

Na prática, a derrocada da Livraria Cultura não tem nada a ver com a crise financeira global, a inflação brasileira, as inovações do mercado de livros ou a paralisia social provocada pela pandemia. Tem a ver com um único fator: os Herz passaram a menosprezar justamente o coração do que os mantinha vivos no comércio – o amor pelos livros.

A prova de que o respeito por este objeto enigmático – o livro – muda por completo o destino de um negócio está nos exemplos da carioca Travessa (que abriu uma bem-sucedida filial em São Paulo) e das paulistas Martins Fontes e Livraria da Vila. Sem falar nas livrarias que surgiram em São Paulo nos últimos anos, de menor porte, mas atentas ao gosto pela leitura, como a Mandarina, a Megafauna e a Drummond (esta em uma das lojas que antes pertenceu à Cultura). Mesmo uma rede como a mineira Leitura soube se situar melhor, pois se expandiu numa dimensão mais modesta e realista que a empresa dos Herz.

No exterior, a Barnes & Noble, que todos acreditavam que teria um fim melancólico (em 2018, perdeu 18 milhões de dólares e demitiu cerca de 1,8 mil empregados), conseguiu ressuscitar usando técnicas tradicionais de vendas entre os livreiros. Segundo o crítico cultural norte-americano Ted Gioia, que estudou o caso dessa empresa, o erro dela foi imitar a Amazon, privilegiando a venda de um e-book que nunca emplacou, o Nook.

O novo presidente da Barnes, James Daunt (ex-Waterstones, notória cadeia de livros na Inglaterra), criou uma estratégia contrária ao que os analistas de mercado acreditavam. Em primeiro lugar, recusou-se a dar descontos; em segundo, não permitiu mais que a rede recebesse dinheiro das grandes editoras para promover seus lançamentos; depois, privilegiou a indicação dos livreiros sobre suas obras favoritas; e, por último, aproveitou a pandemia para que os funcionários depurassem o acervo de cada loja e colocassem

livros que surpreendessem os leitores – e não a produção padronizada que o mercado despeja nas prateleiras. O resultado? As vendas na Barnes & Noble começaram a voltar ao que eram antes da pandemia, e o plano da rede neste ano é dobrar o número das dezesseis novas filiais inauguradas no ano passado. Para quem estava prestes a morrer, isto é o que chamam de um grande retorno.

Recordo-me que, poucos meses antes da minha saída da filial do VillaLobos, para finalmente exercer a profissão de jornalista, houve uma reunião de vendas em que os “compradores” convenceram a diretoria de que ela deveria escutar as reivindicações dos funcionários. Em um sorteio, fui escolhido para presidir um desses encontros e mostrar o que estava acontecendo ali, de fato. Contudo, eu também sabia que, se fosse explícito, seria demitido ou poderia ser prejudicado no mercado de trabalho.

Em vez de falar muito, exibi para o setor de vendas, diante de Pedro e Fabio, um trecho do longa-metragem *Um Sonho de Liberdade* (1994), de Frank Darabont. O filme conta a história de Andy Dufresne (interpretado por Tim Robbins), um homem inocente, acusado de ter assassinado a esposa e que vai para uma penitenciária de segurança máxima. Lá, começa a planejar uma bem-sucedida e minuciosa fuga, que demora vários anos, tendo apenas quatro instrumentos para ajudá-lo: argila, pedras, um martelo e alguns pôsteres gigantescos de musas do cinema, de Marilyn Monroe a Rachel Welch.

A cena que mostrei no auditório foi o momento em que Andy confronta a administração implacável do presídio. À revelia do diretor da prisão, ele consegue fazer soar nos autofalantes um trecho sublime da ópera *As Bodas de Fígaro*, de Mozart. Os presos ficam embevecidos com tal maravilha e, por um instante, a vida em cativeiro lhes parece mais leve.

Depois que o trecho foi exibido na reunião de vendas, ninguém falou nada. Afirmei, então, que trabalhar na Cultura era justamente cumprir o papel de Andy: espalhar conhecimento para as pessoas que mais necessitavam dele. A princípio, todos ali aceitaram essa conclusão. Mais tarde, quando eu já estava no expediente, Pedro Herz veio silenciosamente até o meu posto de trabalho e, pela primeira e única vez na minha vida, me dirigiu a palavra: “Você por acaso quis dizer que trabalhar aqui é igual a viver numa prisão?” Ocupado com um cliente que entrava na loja, e sem a intenção de dar a verdadeira resposta, apenas disse: “Se a carapuça lhe serviu, não posso fazer nada, seu Pedro.”

E assim fui embora. Pedi demissão em março de 2007 e já não era mais um funcionário da famosa livraria que tanto ocupou o meu imaginário juvenil. Havia me transformado em um adulto e cumpri integralmente a minha lição de modelagem naquela empresa. É uma pena que os Herz tenham se perdido no meio do caminho, fascinados por cifras megalomânicas e desprezando o principal capital do seu negócio: o amor pelos livros. Espero sinceramente que eles consigam cometer erros novos e frutíferos, deixando para trás os desastrosos erros do passado.



# Universo de palavras

Eduardo Baccarin-Costa

<https://www.instagram.com/eduardobaccarincosta/>



# As 10 obras de arte mais caras do mundo

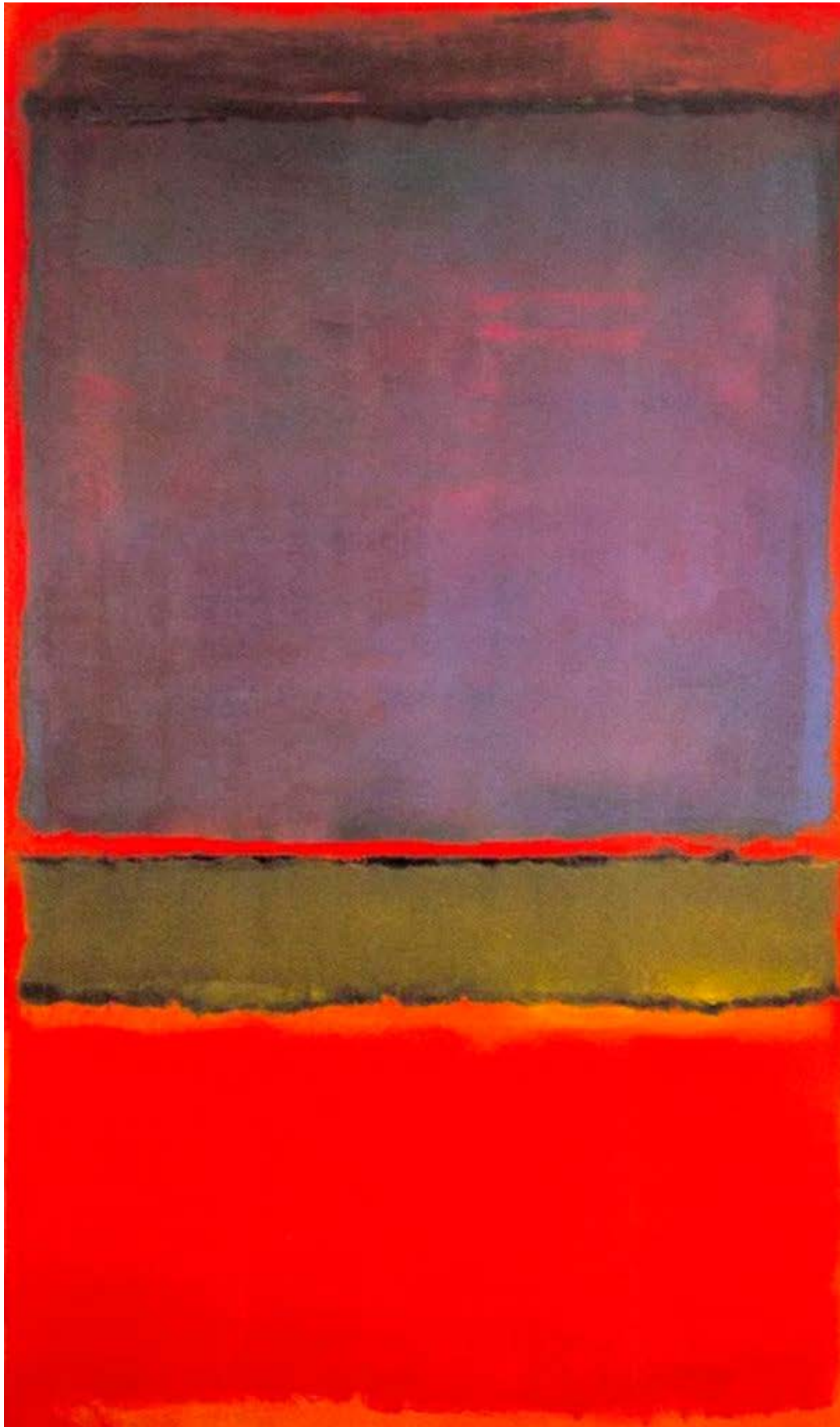
PUBLICADO POR VICTORIA LOUISE EM JANEIRO 31, 2023 | ATUALIZADO EM FEVEREIRO 10, 2023

<https://blog.artsoul.com.br/as-10-obras-de-arte-mais-caras-do-mundo/>

Conheça as obras de arte que atingiram preços notáveis e indicam aspectos importantes na avaliação do valor de uma peça. As vendas de obras de arte em leilões ou em negociações particulares podem atingir preços notáveis que chamam atenção do público e do mercado. Esses preços dependem de fatores técnicos e materiais mas não deixam de lado a leitura subjetiva, já que obras de arte não podem ser interpretadas exclusivamente por seus aspectos físicos, mas também emocionais e temáticos.

Um dos aspectos determinantes no preço de uma obra é a relevância histórica do artista e da peça. A pintura mais cara já vendida até hoje é um exemplo claro. Salvador Mundi, tela de Leonardo da Vinci, foi leiloadada em 2017 por US\$ 450,3 milhões. A apreciação de uma tela de da Vinci decorre da sua marcante atuação como artista e intelectual no século XVI ao utilizar técnicas e regras pictóricas que transformaram o desenvolvimento da história na maneira que uma imagem é construída. Essa inovação culminou no reconhecimento do artista como o principal pintor do renascimento italiano. A capacidade de um artista em representar um movimento, como fizeram Jackson Pollock e Willem de Kooning com o expressionismo abstrato ou Pablo Picasso com o cubismo, cancelam a relevância de seus trabalhos.

O estado de conservação da peça no mais minucioso detalhe é avaliado por especialistas e gera discussões sobre o valor de uma peça. Uma vez que a conservação demonstra proximidade com o estado original, ou seja, com o



Nº 6 (Violet, Green and Red), 1951. Mark Rothko.  
Imagem: markrothko.org

estado em que a obra saiu do ateliê do artista, as chances de valorização são potencializadas. O contrário é verdadeiro. Quando uma obra passa por uma ou mais restaurações, processos como preenchimento de um craquelado ou limpeza de resíduos podem desvalorizar aquele trabalho em menor ou maior intensidade, a depender do caso. Isso acontece porque a intervenção muitas vezes interrompe a aura imaculada da obra de arte, um grande interesse dos compradores.

Além destes, muitos outros parâmetros são considerados na avaliação do preço como a raridade, a procedência,

as dimensões, a capacidade da peça de acompanhar as tendências e gostos que flutuam por diferentes épocas, até o tipo e a qualidade do material usados na produção.

Veja abaixo as 10 obras de arte mais caras que circulam nos corredores do alto mercado internacional, ou seja, parte do setor que submete cada peça a critérios como estes a fim de especular o número que vemos oferecido em leilões e vendas particulares e que podem ou não ser superados de acordo com as ofertas dos compradores.

## Lista das obras de arte mais caras do mundo



Salvator Mundi, de Leonardo da Vinci – US\$ 450,3 milhões

A pintura Salvator Mundi, produzida em 1500 por Leonardo da Vinci, é a mais cara do mundo, vendida em 2017. A obra foi vendida em um leilão da Christie's por US\$ 450,3 milhões (cerca de R\$ 2,3 bilhões, em conversão atual), para Mohammed bin Salman, príncipe herdeiro da Arábia Saudita. A atribuição da obra à Da Vinci é recente. Entre os especialistas há discussões sobre a autoria e foi por muito tempo considerada uma cópia ou feita por assistentes do ateliê do artista renascentista.

Jesus Cristo é o destaque da pintura; posicionado sobre um fundo escuro, segura um globo transparente com a mão esquerda e tem a mão direita levantada como símbolo de bênção. Antes de atingir esse valor, a obra que significa “salvador do mundo” pertenceu a outros colecionadores.

Em 2005 foi comprada por um consórcio de negociantes de arte que chegaram a pagar US\$ 10 mil. Em 2013, após restauração, foi adquirida por US\$ 80 milhões pelo negociante de arte Yves Bouvier que no mesmo ano vendeu a tela por US\$ 127,5 milhões, para o magnata russo Dmitry Rybolovlev, até que em 2017 chegou à coleção de Mohammed bin Salman com valor recordista que a mantém como a obra mais cara já vendida no mundo.



Interchange, de Willem de Kooning – US\$ 300 milhões

Interchange é a pintura abstrata mais cara da lista, vendida em 2015 pela Fundação David Geffen por US\$ 300 milhões, (aproximadamente R\$ 1.533,00 bilhões, em conversão atual) para o investidor norte americano Kenneth C. Griffin.

Pintada em 1955 por Willem de Kooning, artista neerlandês naturalizado nos Estados Unidos, a obra foi vendida naquele ano por míseros

US\$ 4 mil. De Kooning é um dos artistas mais reconhecidos do movimento do expressionismo abstrato e foi um dos pioneiros na action painting, técnica que prioriza o gesto envolvido no ato de pintar em detrimento da simples forma. O artista também foi um elo entre a pintura da Escola de Nova York e o modernismo europeu – por se inspirar declaradamente no expressionista Chaïm Soutine.

The Card Players (Os jogadores de carta), tela do pintor pós impressionista Paul Cézanne, foi vendida para o estado do Catar por US\$ 250 milhões, em 2011 (cerca de R\$ 1.277 bilhões, em conversão atual).

A pintura dos jogadores de cartas faz parte de uma série de 5 telas com o mesmo tema e teve como modelo agricultores da fazenda de sua família, próximo de Aix-en-Provence, província em que Cézanne pintou inúmeras vezes. As demais telas da série encontram-se expostas em museus, como The Metropolitan Museum of Art, em Nova York; Barnes Foundation, na Filadélfia; Courtauld Gallery, em Londres, entre outros.



The Card Players, de Paul Cézanne – US\$ 250 milhões



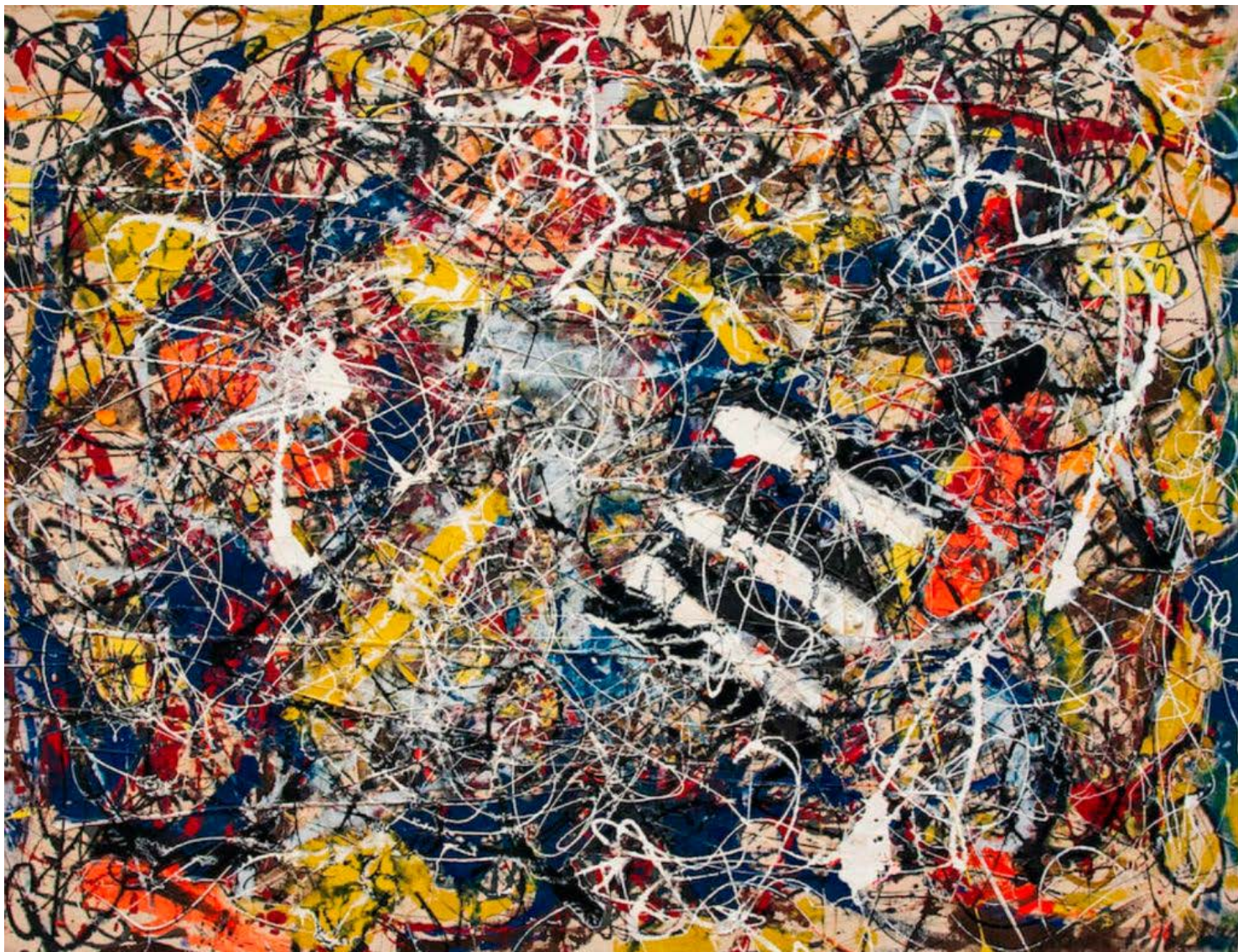
Nafea Faa Ipoipo, de Paul Gauguin – US\$ 210 milhões

Em 2015, a venda da pintura Nafea Faa Ipoipo (Quando você vai se casar?) do pós-impressionista Paul Gauguin, foi divulgada em US\$ 300 milhões.

Dois anos depois, um processo judicial aberto em 2017 revelou ao jornal norte-americano The New York Times que a tela foi comercializada por US\$ 210 milhões (aproximadamente R\$ 1.073 bilhões, em conversão atual). Apesar da diferença de US\$ 90 milhões, o valor ainda mantém a pintura na lista das obras de arte mais caras do mundo,

descendo apenas algumas posições no ranking. A pintura foi vendida pelo então executivo da casa de leilões Sotheby's, Rudolf Staechelin, para o Sheikh Tamim bin Hamad al-Thani, do Qatar.

O quadro colorido de Gauguin, pintado em 1892, apresenta duas figuras femininas no centro de uma paisagem e é parte da produção de uma das viagens do artista à Polinésia Francesa, em que retratou cenas cotidianas de modelos nativos.



Number 17A, de Jackson Pollock – US\$ 200 milhões

A tela Number 17A, do pintor norte-americano Jackson Pollock, foi adquirida em 2015, pelo investidor Kenneth C. Griffin – mesmo comprador de Interchange – por US\$ 200 milhões (aproximadamente R\$ 1.022 bilhões, em conversão atual). Produzida em 1948, a tela do expressionismo abstrato faz parte da produção inicial do artista. A técnica pressupõe gestos

livres do artista, nos quais as tintas são jogadas na superfície da tela obedecendo à aleatoriedade da queda, o que forma composições abstratas arrojadas. A técnica apresenta uma nova forma de se entender a pintura que agora segue regras menos técnicas e mais performáticas por parte do artista.

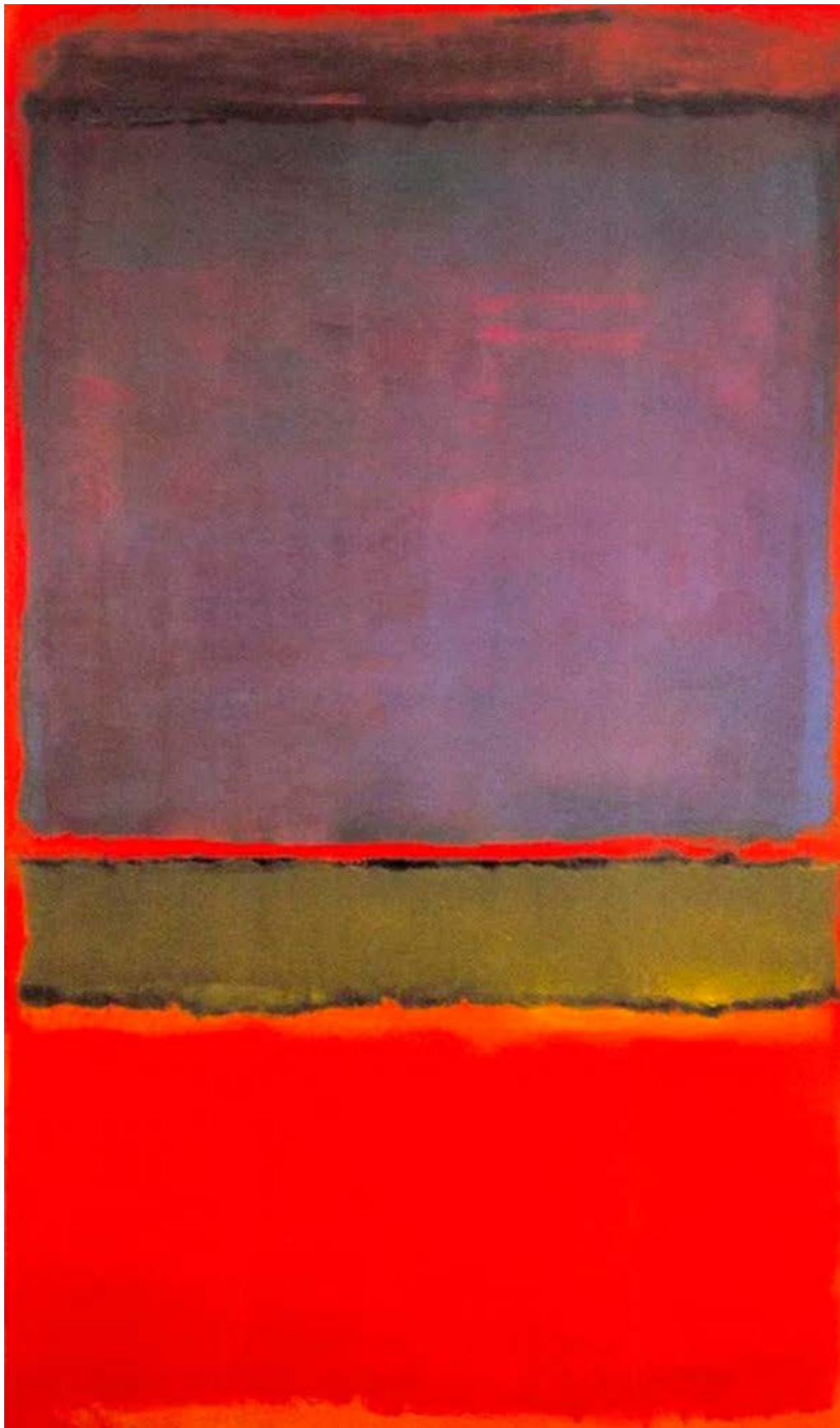


Shot Sage Blue Marilyn, de Andy Warhol – US\$ 195 milhões

Shot Sage Blue Marilyn, de Andy Warhol, é a venda milionária mais recente, leiloadada pela Christie's de Nova York, em maio de 2022. A obra atingiu o valor de US\$ 195 milhões, (aproximadamente R\$ 994 milhões, em conversão atual).

A tela produzida em 1964, faz parte de uma série de serigrafias em que o artista norte-americano reproduziu diversas vezes a imagem de Marilyn Monroe, mantendo o

desenho e alterando as cores intensas das pinturas. A obra adquirida pelo colecionador suíço Thomas Ammann, apresenta a atriz com o rosto rosa e cabelos amarelos sobre um fundo azul e é um exemplo da estética da pop art, movimento que incorporou materiais e técnicas do design de produto industrial e da comunicação de massa vigentes.



Atela N°6 (Violet, Green and Red), foi pintada em 1951 por Mark Rothko, artista letão naturalizado nos Estados Unidos. A obra foi comprada pelo investidor russo Dmitry Rybolovlev – antigo dono de Salvator Mundi – por US\$ 186 milhões, em 2014, (aproximadamente R\$ 950 milhões, em conversação atual).

vermelho, formando uma pintura abstrata da fase mais famosa do artista, que embora tenha obras figurativas e com mais elementos, é reconhecido principalmente por telas de grandes dimensões com poucas cores de efeito chapado, estilo de arte abstrata denominada Color Field.



Wasserschlangen II, também conhecida como Water Serpents II (Cobras de água II), é um óleo sobre tela do austríaco Gustav Klimt. Foi vendida em 2013, por US\$ 183,8 milhões (cerca de R\$ 937 milhões, em conversão atual) para o magnata russo Dmitry Rybolovlev, em venda particular.

O quadro, pintado em 1907, apresenta 4 figuras

femininas, das quais duas silhuetas nuas tomam a maior parte da tela. A obra de Klimt pertence ao movimento da Art Nouveau que dialoga com o estilo arquitetônico da época e traz silhuetas fluidas, circulares e linhas diluídas. Wasserschlangen II trata sobre a sensualidade feminina e sexualidade entre o mesmo sexo.



Pendant portraits of Maerten Soolmans and Oopjen Coppit, 1634. Rembrandt. Imagem: entertales.com

Pendant portraits of Maerten Soolmans and Oopjen Coppit, de Rembrandt – US\$ 180 milhões

Pendant portraits of Maerten Soolmans and Oopjen Coppit foram dois retratos pintados pelo artista barroco Rembrandt van Rijn, em 1634. As telas vendidas em 2016 para os museus Rijksmuseum em Amsterdam e Louvre, em Paris, foram adquiridas por US\$ 180 milhões, (aproximadamente R\$ 917 milhões, em conversão atual).

O artista holandês do século XVII produziu as pinturas de corpo inteiro um ano após o casamento das figuras retratadas. Embora façam parte da coleção dos dois museus, são expostos juntos, revezando os períodos de exposição entre Rijksmuseum e o Louvre.





Les Femmes d'Alger ("Version O"), de Pablo Picasso – US\$ 179,4 milhões

A última pintura da lista atualmente é Les Femmes d'Alger ("Version O"), (As mulheres de Argel, "versão 0"), pintada em 1955. A tela faz parte de uma série de 15 telas, além de 100 estudos sobre papel, em que o artista espanhol Pablo Picasso produziu inspirado na obra Femmes d'Alger dans leur appartement (Mulheres de Argel em seu apartamento), do artista do romantismo francês, Eugène Delacroix.

A obra foi vendida em 2015 pela casa de leilão Christie's NY, por US\$ 179,4 milhões (aproximadamente R\$ 914 milhões, em conversão atual) para o Sheik Hamad bin Jassim bin Jaber Al Thani, do Qatar. A pintura cubista retrata concubinas argelinas em seu harém, com um cachimbo usado para fumar haxixe e ópio.

Outros rankings além deste são os recordes atingidos por obras de arte feitas em regiões específicas nas categorias asiática, americana, ou ainda, latino-americana, por exemplo. Em 2021, a venda de uma tela da artista mexicana Frida Kahlo virou notícia por atingir o maior valor para obras latino-americanas ao ser arrematada por 34,9 milhões de dólares. Essas categorias são formas de mensurar a evolução da valorização de obras de diferentes regiões, influenciadas pela inovação de certos artistas e a visibilidade destinadas às diferentes regiões.

Daniken Domene é técnico em audiovisual e graduando em Arte: História, Crítica e Curadoria pela PUC-SP.

# Marco de 50 anos da morte de Pablo Picasso traz exposições e eventos em todo o mundo



Pablo Picasso. Les demoiselles d'Avignon, 1907. Reprodução: PabloPicasso.org

O artista produziu diversas obras que são até hoje consideradas marcos na história da arte. A tela *Les demoiselles d'Avignon* (1907) é considerada um dos marcos de guinada na arte europeia na direção à abstração e é também considerada precursora do que viria a ser o cubismo.

*Guernica*, discutivelmente sua obra mais conhecida, é considerada ainda hoje um dos maiores símbolos antiguerra. A pintura demonstra a tragédia e o horror causado pela guerra, especialmente sobre os corpos das personagens em desespero – distorcidas, com braços e cabeças desanexados e expressões de terror. Sem sombra de dúvida, sua produção artística integra o campo das obras mais influentes da arte.

## PICASSO CELEBRACIÓN

Os governos da Espanha e da França, através de uma comissão binacional, sediam a programação da *Picasso Celebración – 1973-2023* (nome dado à programação internacional). Por volta de 50 exposições e eventos

O mês de abril marca o aniversário de morte de Picasso e a programação rememora suas obras e seu legado, bem como as contradições da sua vida pessoal

O ano de 2023, mais exatamente, o dia 8 de abril, marca os 50 anos da morte de Pablo Picasso. Em celebração à sua obra e seu legado, um robusto programa de exposições, iniciativas e eventos levantam discussões sobre suas obras de arte, sua influência e também sobre a vida do pintor ao redor do mundo. Pablo Ruiz Picasso (1881 – 1973), considerado um dos nomes mais icônicos da arte moderna europeia, nasceu no início do século XX, em Málaga, Espanha, e morreu em Mougins, na França. Foi precursor do movimento cubista e, prolífico, teve uma vasta produção artística. Seu repertório foi composto por diversas linguagens artísticas: pinturas, gravuras, cerâmicas, esculturas e mais.

estão programadas para acontecer em diversos museus pelo mundo – da Europa à América do Norte, e até no Brasil. Um dos eventos mais esperados é a abertura do Centro de Estudos de Picasso em Paris – que deve acontecer entre os meses de setembro e novembro deste ano.

A programação, que já teve início no fim de 2022 e deve seguir até o início de 2024, passará por importantes museus, como os espanhóis: Guggenheim Bilbao, Reina Sofia, museu do Prado, e os museus dedicados ao artista em Barcelona e Málaga; os franceses: Museu de Belas Artes de Lyon, o Musée Picasso de Paris; e os estadunidenses: Museu de Arte Moderna (MoMA) e o Brooklyn Museum, localizados em Nova Iorque. Suíça e Alemanha também integram a programação, com o museu Fondation Beyeler e o Kunstmuseum Pablo Picasso Münster, respectivamente. Entre estas exposições está *Picasso: Matter and Body*. Em exibição no Museo Picasso de Málaga de 8 de maio a 10 de setembro, a exposição abordará a produção de esculturas do artista – por vezes vistas como um meio

secundário dentro de sua obra – e pretende mostrar como as esculturas produzidas em uma multitude de materiais ao longo de sua vida compõe parte integral de seu trabalho.

A exposição tem curadoria de Carmen Giménez, primeira diretora do museu, e marca, em 2023, os 20 anos de existência da instituição. Depois de Málaga, Picasso: Matter and Body estará em exibição no Guggenheim Bilbao de 29 de setembro a 14 de janeiro de 2024.

Entre as discussões levantadas por cada evento, surgem também abordagens distintas sobre a vida e obra do artista. Tratando-se especialmente de Picasso, uma pauta que ganhou notoriedade é a perspectiva feminista sobre sua trajetória.

A exposição do Brooklyn Museum, por exemplo, é cocurada por Hannah Gadsby, comediant australiana que já abordou em suas apresentações o machismo na vida de Picasso. Com curadoria de Lisa Small e Catherine Morris, a exposição pretende se envolver com algumas das problemáticas de misoginia e masculinidade que perpassam a vida do artista. Esse trabalho curatorial parte da investigação da vida amorosa de Picasso e dos relatos das mulheres com quem ele se relacionou – duas das quais suicidaram-se.

No Brasil, a exposição imersiva “Imagine Picasso” trará para o país mais de 200 obras do artista em projeções. Os criadores de Imagine Picasso, Annabelle Mauger e Julien Baron, colaboraram estreitamente com a historiadora de arte Androula Michael, uma grande especialista nas obras e na carreira de Picasso. Michael é organizadora desta exposição a ser realizada no MorumbiShopping de 9 de março a 18 de junho.

Graças ao uso de projetores, a exposição poderá exibir obras que dificilmente comporiam uma mostra no país – tanto pelos custos logísticos quanto, até mesmo, pela restrição de transporte que alguns dos quadros possuem. “Imagine Picasso” leva o visitante a uma celebração multissensorial da obra e das múltiplas influências de Picasso.

Influência e dias atuais

Pablo Picasso, como já mencionado, participou da

vanguarda da arte abstrata na Europa. Ao lado de Georges Braque, fez do cubismo um dos movimentos mais icônicos da arte do início do século XX. No entreguerras, Picasso começa seu flerte com o surrealismo – período no qual pintou Guernica.

Além de seu envolvimento com importantes movimentos e artistas com quem foi contemporâneo, Picasso, mesmo após sua morte, continua protagonizando manchetes ao longo dos anos.

Um de seus quadros da série Les Femmes d’Alger, o quadro “Versão O”, ocupa atualmente o terceiro lugar entre as obras mais caras do mundo, vendida em 2015 por US\$179 milhões. O quadro foi, até 2022, a obra mais cara do século XX vendida em leilão. Em 2020, uma obra inédita feita em carvão foi leiloada pela Sotheby’s, casa de leilão consolidada no mercado de arte internacional.

Seus quadros também têm sido protagonistas de uma série de ações realizadas por grupos ativistas. Em 2022, a professora de arte María Llopis levou algumas de suas alunas ao Museu Picasso, em Barcelona, para um protesto. Elas usavam camisetas com frases como “Picasso agressor” e “Picasso abusador de mulheres”.

No mesmo ano, dois ativistas climáticos da Extinction Rebellion colaram suas mãos ao quadro Massacre na Coreia, exposto na National Gallery of Victoria, em Melbourne, na Austrália. Os ativistas levaram uma faixa onde lia-se “caos climático = guerra + fome”. Também em 2022, cerca de 30 ativistas antiguerra protestaram à frente de Guernica no museu Reina Sofia, em Madri. Os manifestantes fingiram-se de mortos como protesto ao escalonamento das tensões da guerra na Ucrânia.

Se o nome de Picasso tem ganhado manchetes por leilões e manifestações postumamente, o pintor também protagonizou outras obras em vida, como documentários, filmes e livros. Em 1955, seu amigo, Henri-Georges Clouzot convenceu Picasso a participar de um documentário, “O Mistério de Picasso”, em torno de seu processo criativo. Para o filme, o artista criou 20 telas. Usando tinta e papel especiais, ele elaborava os desenhos enquanto Clouzot filmava o lado inverso da tela, capturando o trabalho em tempo real.

Entre os livros sobre o autor, destaca-se “A minha vida com Picasso” de Françoise Gilot – considerada uma das musas do artista –, mãe de dois filhos do pintor, Paloma e Claude. No livro Gilot humaniza uma das lendas da pintura. Picasso no livro não é um ser fantástico dotado de talentos sobrenaturais, mas um homem comum que adquiriu sucesso. Considerada a única mulher que foi capaz de abandonar Picasso, e mais tarde expor o artista por seus abusos, Gilot precisou lutar para ter o livro publicado.

As muitas faces do artista

Picasso foi um artista prolífico – com mais de 15 mil

peças produzidas –, passou por distintos momentos artísticos durante sua vida – estando na vanguarda de mais de um movimento artístico na Europa – e seu nome carrega consigo o status de mito. Acumulou sua própria dose de polêmicas em sua vida pessoal. Influenciou, e continua a assim fazer, inúmeros outros artistas. É, sem dúvidas, um artista que merece ter seu legado investigado, discutido e revisado.

Matheus Paiva é produtor cultural e internacionalista, formado pela Universidade de São Paulo.



Pablo Picasso.  
Detalhe - Guernica,  
1937. Reprodução:  
PabloPicasso.org

# D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

PERMITA-SE!  
PERMITA-SE!  
PERMITA-SE!

**Para ler, ver, ouvir e tocar**

# D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#25

**CADERNO DE**

*Literatura*



Para quem quiser conhecer Vagner Xavier, leia seus poemas.

Vagner é paranaense, de Londrina e lançou 5 livros acumulando também prêmios nacionais e internacionais e muitas andanças pelo Sul do Brasil. Vagner é amigo da cultura e seu texto é impregnado de artes visuais, música e muita humanidade.

Para conhecer o homem, o viajante e o poeta Vagner Xavier leiam sua poesia e o acompanhem pelas noites e bares da vida. Seu compromisso é com a vida, a verdade e o inesperado traçado pelo destino.

E é exatamente isso que sentimos ao ler os poemas de ESSAS BELAS NUVENS BRANCAS NO CÉU SÓ AGRIDEM OS OLHOS, onde Xavier é espontâneo, coloquial, moderno, provocativo e muito humano. São textos dedicados a lugares, mulheres e incursões por imagens e sentimentos de atmosfera beatnik.

São poemas para se ler com olhos e corações atentos, com um whisky na mão, em solidão ou emudecido ante a mulher amada. Não é para se ler com a alma agitada ou distraída. O leitor tem que buscar o mesmo compromisso de Vagner Xavier: com a palavra, com a vida e com o imprevisível.

“Ler sua poesia é mergulhar nesse improvável e desafiador compromisso com a vida”

Aldo Moraes  
Jornalista, músico e escritor

“Essas belas nuvens brancas no céu só agridem os olhos”

Opera Editorial

Link pra adquirir o livro

<https://www.instagram.com/xaviervagner/>

# Ri Melhor Quem Conhece os Clássicos

Dias Campos





Da sua escola, Pedro Garrido sempre foi o mais franzino e o que maiores notas tirava. Esses dois predicados eram suficientes para que os mais truculentos e ineptos dele fizessem gato e sapato. Por isso, quando o ensino médio terminou, parecia que retiravam um gigantesco bloco de granito dos ombros.

Essa sensação de liberdade, aliando-se ao seu refúgio, o estudo disciplinado, fizeram decolar a autoestima e a autoconfiança do rapaz, o que o levou a conquistar o primeiro lugar no vestibular para Letras da mais afamada universidade do seu Estado.

Devido à minguada constituição física e à meritória classificação, o seu maior temor era ser o alvo predileto dos veteranos. E ele bem que tremeu quando quiseram que dançasse sozinho sobre uma mesa... Mas como havia lindas calouras ao redor, Pedro Garrido foi rapidamente substituído.

Acudido por esse milagre, o que lhe cabia fazer era agradecer aos céus e seguir adiante, procurando não se fazer notar até a data da abolição dos escravos, data em que os bichos ficariam livres do jugo dos capatazes.

Com efeito, o primeiranista passou despercebido até ser contemplado com a alforria. E uma vez liberto, pôde entregar-se com todas as suas forças ao seu sonho juvenil – debruçar-se sobre os livros e se tornar professor de Literatura.

Como amasse escrever, e escrevesse muito além dos de sua idade, Pedro Garrido logo foi descoberto pelo grêmio estudantil, que o encarregou de uma Coluna no seu periódico. Graças à criatividade, à originalidade e ao bom cunho português, seus contos e crônicas conquistaram estudantes e professores; e a tal ponto, que nomes como Homero, Virgílio, Ovídio e Dante deixaram os claustros acadêmicos e se vulgarizaram até entre os alunos das outras Faculdades, o que fez com que a procura por esses ícones redobrasse os afazeres de mais de uma bibliotecária.

Como os textos de Pedro Garrido eram cada vez mais lidos, apreciados e repassados para além dos muros da universidade, um dos seus contos, o que elegera Machado de Assis como personagem principal, acabou chegando às mãos de Carlos Sampaio, seu colega de classe no colégio e o líder das cavalgadas que com ele praticavam bullying.

E se é verdade que esse autêntico representante do obscurantismo desdenhou do que leu, também é exato afirmar que ficou mordido de inveja ao identificar o autor com a sua saudosa vítima.

Alheio a essa urticação, Pedro Garrido prosseguiu com determinação e brilhantismo, formando-se Summa cum laude para regozijo de sua família, dos demais alunos e de todo o corpo docente. – O seu TCC foi sobre a influência dos Clássicos em Os Lusíadas.

Como corolário aos seus méritos, mal se iniciavam as férias e ele já recebia uma atraente proposta para lecionar Literatura em uma universidade particular.

Ora, como o seu sonho se tornava realidade; como precisasse bancar a Pós-graduação; e como a paciência de sua noiva não se estenderia para além do Mestrado, Pedro Garrido não titubeou em aceitar o emprego.

Não se poderia descrever a emoção de que foi tomado quando assinou aquele contrato!

Mas como o júbilo não se bastaria à total recuperação das energias, Pedro Garrido e sua futura esposa decidiram viajar. E depois de muito pesquisarem, escolheram um lindo chalé, em uma acolhedora cidadezinha montanhosa.

A viagem foi tranquila. E como chegassem ao centrinho, que, apinhado de turistas e todo iluminado, convidava os amantes a curtirem o frio, os apaixonados concordaram que um bom tinto e um fondue de queijo seriam indispensáveis.

Depois de caminharem um pouco, agarradinhos, toparam com um local muito aconchegante. E decidiram entrar.

Por sorte, havia uma única mesa disponível. E o maître os conduziu com toda solicitude.

Pedro Garrido não poderia sentir-se mais afortunado!... As férias apenas começavam; ao retornar, aguardava-o um bom emprego; sua escrita já caminhava para o terceiro capítulo do romance de estreia; e estava prestes a desfrutar de muitos jantares românticos. Realmente, os bons ventos sopravam fortes nas velas do seu destino, e não havia quem divisasse nuvens acinzentadas no horizonte.

A borrasca, contudo, pode sobrevir de inopino e dos pontos mais improváveis do oceano. Pois não é que na mesa ao lado sentava-se um casal, cujo varão era ninguém menos que o troglodita que atazanara Pedro Garrido durante o ensino médio? E se este não o reconheceu, visto que aquele lhe dava as costas, não se pode dizer o mesmo de Carlos Sampaio, tão logo girou a cabeça buscando o garçom.

Súbito, lembranças deliciosas ressurgiram, e uma vontade louca de retomar as velhas práticas tomou conta do antigo desafeto.

Entretanto, a adolescência ficara para trás. E como eram homens feitos, estavam acompanhados e em lugar público, aquele desejo teve que ser contido.

Só que à medida que o tempo passava, a vileza de Carlos Sampaio só fazia aumentar, o que já incomodava até a sua parceira, que percebia não ser mais o centro das atenções.

Indagado sobre o que acontecia, o ex-perseguidor resolveu contar tudo o que impusera ao seu vizinho. Mas ao contrário do que esperava, risadas compartilhadas, o que ouviu foram desaprovações, o que o deixou bastante contrariado.

As terrinas de sopa de cebola chegaram. E enquanto comentavam o quão deliciosas estavam (receita tradicional francesa), a mente de Carlos Sampaio dividia-se entre as respostas à namorada e as lembranças das torturas impostas a Pedro Garrido – e se continha para não gargalhar.

De repente, Carlos Sampaio não se aguentou e, “sem querer”, deixou a colher escapar da mão. Ao se abaixar para pegá-la, virou o rosto para a mesa do lado e, fingindo surpresa, interpretou o reencontro entre velhos colegas.

Pedro Garrido não se demorou a recordar do malfeitor. E um profundo mal-estar tomou conta do seu coração. Sequer teve tempo para pensar em como reagir, pois o ator levantou-se e foi abraçá-lo. Em seguida, todos se cumprimentaram – A namorada do brutamente já lhe sentia a má-fé; e se portava com a polidez possível.

Ao contrário do farsante, que, efusivo, relembrava o convívio, gesticulava e ria com prazer, Pedro Garrido sorria forçado, respondia com monossílabos e mal o encarava. E para que a comédia fosse ainda mais verossímil, Carlos Sampaio não se esqueceu de mencionar que seu irmão caçula cursava engenharia na mesma universidade em que Pedro Garrido se formou, e que, por força dessa coincidência e pelo prestígio alcançado pelo novo escritor, chegara às suas mãos um exemplar daquele conto protagonizado pelo Bruxo do Cosme Velho. E finalizava parabenizando-o muito, pois nunca lera texto tão criativo, original e aprisionador.

Esse elogio, digno de ser encenado nas mais célebres ribaltas, tirava o prumo de Pedro Garrido. Afinal, se Carlos Sampaio sempre foi o seu algoz, como se deparava, agora, com tanta mudança de caráter?

É fato, porém, que Pedro Garrido aprendera que as pessoas podem, sim, melhorar-se com os anos. Seria esse o primeiro caso concreto a experimentá-lo?

Também é correto afirmar que, na Faculdade, ele nunca desprezou um punhado de confetes. Aliás, a cada vez que lhe aplaudiam os textos, mais envaidecido, estimulado e confiante ficava.

Por força dessas matrizes, Pedro Garrido baixava a guarda, e cedia à apetitosa isca. Mesmo que o peixe já tivesse sido fígado, é de boa técnica, muitas vezes, que se deixe correr a linha... Foi quando Carlos Sampaio sugeriu juntarem as mesas. A namorada do pseudo-admirador, no entanto, porque percebesse o seu ardil, bem que tentou desestimular a união, objetando que os pombinhos gostariam de continuar a sós – o outro semblante feminino aquiescia.

Mas diante da insistência do enganador, que fazia questão de colocar as conversas em dia, e da postura ambígua de Pedro Garrido, um balaio em que se chocavam a privacidade possível e ego passível de incenso, as mulheres não tiveram alternativas; em particular porque Carlos Sampaio, tomando a iniciativa, puxou sua mesa e a colou à outra. Como os recém-chegados não tinham feito os pedidos, o falso amigo não se fez de rogado e recomendou a sopa de cebola. E porque ele e seu par afirmassem que estavam divinas, os noivos abriram mão do fondue e pediram mais duas terrinas.

Para que o clima ficasse bastante descontraído, Carlos Sampaio, mesmo sem saber se bebiam álcool, tratou de pegar a sua garrafa e encheu de tinto as taças vazias. E como recebesse sorrisos em troca, deram-se ao brinde inicial. A conversação, de início tímida, foi ganhando ritmo.

Tão logo chegaram as iguarias, Pedro Garrido fez questão de pedir mais uma garrafa do mesmo vinho. E as taças foram erguidas pela segunda vez. O ambiente se tornava cada vez mais amistoso; e a tal ponto, que a acompanhante de Carlos Sampaio deixava da sua prevenção e se revelava uma ótima piadista.

E como quisesse que seu peixe pensasse que poderia continuar nadando livremente, o ardiloso pescador perguntava se ele já tinha publicado algum romance, pois se fosse tão bom quanto o conto que lera, compraria um exemplar assim que retornasse à capital. Pedro Garrido sentiu-se lisonjeado. Aduziu, no entanto, que apesar de todos os feedbacks positivos que recebera até o momento – já ganhara vários prêmios literários –, não daria para afirmar, cem por cento, que seu romance seria um sucesso meteórico; mesmo que adorasse o que escrevia.

E se o ouvinte interpretava extremo interesse, de igual forma o convencida de que, mesmo inacabado, seu livro já o deixava com água na boca. Dessa forma, o iludido assegurou que o avisaria quando o concluísse; e os namorados prometeram não faltar à noite de autógrafos.

Pedro Garrido perguntou ao “novo admirador” o que fazia da vida. Carlos Sampaio respondeu que era sócio majoritário de uma grande lotérica no centro da cidade, batizada de Buraco da sorte. E, abusando da indelicadeza, afirmou que, ao contrário da dúvida que paira sobre o escritor iniciante, sua remuneração era certa, e seus lucros, inevitáveis. Afinal, fizesse sol ou chuva, ele ganharia com os bilhetes e as apostas, com as comissões que incidem sobre a venda de outros produtos e pelo recebimento de contas de telefone, gás, luz, etc. – Dita a localização, e Pedro Garrido se lembrou de que, vez por outra, passava por lá e fazia uma fezinha.

Como percebesse que essa cutucada bambeava levemente o humor do seu peixinho, Carlos Sampaio decidia-se por começar a recolher a linha. Foi quando passou a relembrar do bullying que praticara contra ele.

E a cada cena descrita – por sinal, com requintes de detalhes –, mais risadas dava e mais se comportava como se estivesse agradando.

Sua namorada, porém, despertou para a realidade no mesmo instante em que lhe ouviu a primeira recordação. E ficou sem saber o que fazer, tamanha a vergonha que a possuía. A alma gêmea de Pedro Garrido – para quem nunca contara sobre o bullying –, e que

no início até sorria, pois pareciam lembranças engraçadas revividas por velhos amigos, tocava-se de que tudo tinha sido verdade, quando, ao se virar, notou a profunda mudança na fisionomia.

Pedro Garrido empalideceu. Os lábios estavam cerrados; os olhos, fixos no covarde, já se umedeciam; e sua mão direita tremia sobre a mesa, depois que lhe caiu a colher. Constatado o estrago, Carlos Sampaio não se furtou em dar mais uma paulada. E o fez afirmando que era tão certo continuar a ganhar dinheiro ao final de cada mês quanto era inevitável levar à sua boca mais uma colherada de sopa de cebola – e caprichou na gesticulação.

É desnecessário mencionar que não havia mais clima para continuarem o jantar.

Pedro Garrido e sua noiva levantaram-se em silêncio. E antes de irem em direção ao caixa, deixou claro que pagaria metade da conta. E se foram.

Carlos Sampaio ainda teve ânimo para pedir sobremesa. Mas não conseguiria apreciá-la como pretendia, pois teria que aguentar bem mais de uma reprimenda.

E se a lua cheia prosseguiria em sua vereda celeste convidando os jovens ao amor, naquela noite, pelo menos, dois dos muitos casais não lhe responderiam ao chamamento.

Pedro Garrido e sua paixão decidiram antecipar a volta para casa. Não valia a pena correrem o risco de reencontrarem Carlos Sampaio.

Não obstante essa decisão, as férias ainda estavam no início. E sempre haveria um quarto à disposição deles na casa de praia do sogrão.

E para que não tivessem que passar horas explicando o retorno antecipado, resolveram pôr a culpa em um surto de carrapatos que tomara conta da cidade. E que ninguém se preocupasse, pois o dinheiro seria devolvido sem tardança.

Por fim, como não queriam reavivar os dissabores por que passaram, prometeram não mais tocar nos assuntos bullying e Carlos Sampaio.

Seguiram-se as semanas de descanso e os prazerosos bate-papos à beira-mar; sendo que as caipirinhas e as porções de camarões fritos degustados sob os guarda-sóis foram essenciais à recuperação física e mental dos noivos.

Terminadas as férias, e de volta ao seu apartamento, Pedro Garrido lembrou-se de que deixara algumas pendências para serem resolvidas. Além da dispensa que estava às moscas, teria que trocar duas lâmpadas queimadas, consertar uma torneira que pingava e comprar veneno para acabar com as formiguinhas que adoravam passear sobre a pia da cozinha. Sendo assim, dirigiu-se, à tarde, ao centro da cidade, onde já era freguês de uma loja especializada. Mas se não se esquecera dessa loja, certo estabelecimento tinha-se apagado de sua memória...

E quando dele se aproximou, notou o desapontamento e as reclamações de algumas pessoas, que quiseram apostar e pagar as suas contas, mas deram com as portas de aço desenroladas.

Concatenando as ideias, Pedro Garrido recordou a conversa que tivera com Carlos Sampaio naquela fatídica noite... Tratava-se da Buraco da sorte.

E um frio antártico subiu-lhe pela espinha!...

Essa gelidez, entretanto, logo passou, pois a ordem judicial, afixada no mesmo dia e pela manhã na porta da casa lotérica, demonstrava que as chances de revê-lo naquele dia seriam mínimas – era provável que estivesse implorando ajuda ao seu advogado.

Neste exato momento, as palavras ditas e encenadas por Carlos Sampaio naquele restaurante nas montanhas, equiparando a certeza de se ganhar dinheiro com a de se levar à boca uma colherada de sopa, e que, malgrado o seu esforço por esquecê-las, ainda lhe surgiam como vultos agourentos, perdiam para sempre o seu poder de humilhar.

Por força desse insight, uma ideia lhe vinha à mente. E ele puxou de uma caneta...

Em seguida, resolveu adiar as compras, e retornou às pressas para a sua residência.

Já defronte à tela do computador, começou a escrever um conto.

Sem dar nomes aos bois, Pedro Garrido iria recontar os acontecimentos por que passou, desde o bullying que sofreu quando jovem até o reencontro com o maior dos seus fantasmas. Por fim, e com o auxílio dos Clássicos, Carlos Sampaio receberia uma lição que por certo jamais esqueceria.

No dia seguinte, Pedro Garrido contactou o responsável pelo jornal do grêmio estudantil da sua Faculdade e perguntou se ainda teriam interesse em publicar mais um dos seus contos. A aceitação foi imediata. E ele o enviou por e-mail.

Passados poucos dias, não apenas o autor receberia o seu exemplar, mas, também, o caçula da família Sampaio, que ainda não se formara e que não deixara de admirá-lo. E como previra Pedro Garrido, após ouvir do irmão sobre a incrível semelhança entre a ficção e o que acontecera à sua lotérica, Carlos Sampaio, muitíssimo desconfiado, agarrou o jornalzinho e foi àquele texto.

Depois de alguma leitura, o arrogante não tinha dúvidas sobre quem eram, de fato, os personagens principais. E até bateu palmas para Pedro Garrido pela coragem de se expor daquela maneira.

Mas se Carlos Sampaio se deliciava a cada período, seu bom humor mudaria assim que passasse a ler o final da história.

Pedro Garrido imaginou que o protagonista recebia um telefonema do seu funcionário avisando que a lotérica tinha sido fechada por ordem do juiz.

Ato contínuo, o vilão quase teve um enfarte, pois via secar a sua mina de ouro. – Por coincidência, foi isso mesmo que aconteceu a Carlos Sampaio.

Mas como não tinha chegado a sua hora, ele conseguiu recuperar as forças, e o raciocínio, e pediu mais detalhes ao empregado.

O pobre moço, então, achou melhor fotografar a ordem de lacração e enviá-la pelo celular.

Recebida a foto via WhatsApp, o patrão precisou ampliá-la, pois não queria perder nenhuma informação.

E depois de se inteirar sobre o conteúdo da decisão, notou, logo abaixo, em letra cursiva e à caneta azul, a frase *Tra la spica e la man qual muro he messo*.

Ele só não deu de ombros porque a fonte colocada entre parênteses chamava muito a atenção – Os Lusíadas, Canto Nono, Estância 78.

Não que essas inserções fossem mais importantes do que a desgraça que o abatia. Mas como só saberia o que fazer depois de consultar com o seu advogado, e porque a curiosidade era a sua marca registrada, a vítima da interdição estatal não se conteve e foi ao Google pesquisar.

O fato de ser um verso escrito por Petrarca e transcrito por Camões em nada mudaria a vida do desafortunado. Mas a sua tradução, esta, sim, faria com que Carlos Sampaio se arrependesse para sempre do gesto que um dia praticou – Da mão à boca se perde muitas vezes a sopa.



## Nas entrelinhas.

Ah!... Como é difícil para mim, que sou prosador, versejar sobre a mulher. Falta-me, como escreveu Voltaire, o dom dos poetas.

Mas se nasci sem esse carisma, nada me impede de tomá-lo emprestado. Daí me socorro de José de Alencar, quem melhor cantou as vozes das florestas brasileiras: “A mulher é uma flor que se estuda, como a flor do campo, pelas suas cores, pelas suas folhas e, sobretudo, pelo seu perfume.”

Mas se é verdade que os poetas não se enganam quanto à divina fragrância que delas exala, o mesmo não se pode dizer quanto à sua origem. Neste sentido, se para Lessing “A mulher é a primeira obra do Universo”, para Gonçalves Dias ela se localiza no extremo oposto: “A mais perfeita das criaturas, porque foi a última que caiu das mãos do Eterno, quando ele quis completar o quadro variado e magnífico das suas maravilhas com a maior de todas elas.”

Aposto que a justificativa para tamanha discrepância estaria no efeito personalíssimo que o divinal olor causa em cada espírito.

Seja como for, ter sido a primeira ou a última obra na criação pouco importará aos olhos dos que transcendem a só contemplação da abóbada recamada, pois, como bem afirmou Víctor Hugo, “Nós olhamos as estrelas por dois motivos, porque são luminosas e porque são impenetráveis. Mas temos perto de nós uma luz bem mais doce e um mistério maior, a mulher.”

E pegando esse gancho, creio que ninguém poderá contestar que “A mulher põe no mundo toda a poesia e toda a doçura”, como bem retratou Leon Daudet.

Quanto ao mistério, ousou afirmar, porém, e o faço com o auxílio da Condessa de Ségur, que pelo menos um deles já me foi revelado: “O homem pratica os grandes feitos. É a mulher que os inspira.” Com efeito, devo tudo o que sou à minha única mulher, Mônica.

# E ouviram o pungente crocitar

Não é incomum que uma criança tenha um amigo imaginário. Paulinho tinha o seu, e chamava-se Ruy. Seus pais, se não o repreendiam, também não o estimulavam; até porque, tinham a certeza de que essa amizade acabaria com o passar dos anos.

No entanto, um acontecimento fez estremecer a normalidade que reinava no lar dos Pereira... Certa noite, quando o casal assistia à TV e Paulinho pintava com lápis de cera a obra de arte que rabiscara, Ruy apareceu e começou a conversar. O casal entreolhou-se, sorriram, e André pediu que conversassem à baixa voz para que não atrapalhassem o filme.

Mas quando o garoto virou-se e disse que Ruy tinha um pedido a fazer à dona da casa, Bianca, com toda a paciência do mundo, abaixou o som do aparelho e quis saber do que se tratava. Paulinho, mesmo com as dificuldades impostas à pronúncia dos sete anos, passaria a repetir o que o recém-chegado ditaria.

Só que, ao contrário do que pudessem imaginar – queria batatinhas fritas no jantar –, Ruy pedia a Bianca, que era diretora de escola e quem decidia sobre o texto impresso nos diplomas dos formandos, para que respeitasse o bom cunho português, pois a linguagem neutra de gênero nada mais era do que a maior tolice que a ociosidade humana poderia um dia produzir.

Não se precisaria dizer que as bocas entreabriram-se, que os olhos arregalaram-se, e que nenhum dos pais conseguiria pôr a cabeça no travesseiro e dormir o sono dos justos.

Passados alguns segundos de completa mudez, Bianca acabou aceitando o que Ruy pedira; se bem que só convencesse o próprio filho. Desta noite em diante, quando Ruy vinha ter com Paulinho, se algum de seus pais estivesse próximo, parava o que fazia, apurava o melhor dos ouvidos, e não desgrudava os olhos do guri, na esperança de compreender o que de fato acontecia. Mas o nível dessas conversas não mais os impressionava, já que não se afastava do previsível e limitado mundo infantil.

E isso deixava André e Bianca cada vez mais incomodados. Afinal, como explicar aquele pedido, cujo conteúdo seria impensável a qualquer criança, mesmo que dotada de grande inteligência?

O incômodo chegou a tal ponto que o casal decidiu testar o menino e perguntaram se poderiam falar com Ruy, caso ele estivesse presente. A criança relanceou os olhos pela sala e viu seu amigo sentando na cadeira de balanço que pertencera à nonna.

Mas antes que Paulinho repetisse a pergunta, Ruy respondia que estava à disposição. É claro que André e Bianca ficaram como que travados; não sabiam por onde começar. Percebendo a inibição, Ruy resolveu antecipar-se, porquanto o que falaria era muito mais importante do que qualquer comprovação.

Disse que Bianca, com a concordância do marido, desprezou a oportunidade que recebera, e que, por força disso, a beleza da língua portuguesa continuava a ser maculada. Assim sendo, ele, Ruy, não perderia o seu tempo tentando passar-lhes bons conselhos, pois, pelo que percebera, não cuidavam ser pessoas em quem pudesse investir. Daí limitar-se a entreter, a preparar e a apostar no futuro do seu mais novo e sincero amiguinho.

Também seria desnecessário esclarecer que, desta vez, os queixos caíram, os olhos esbugalharam-se, e que o casal passaria uma longa noite em claro.

André ainda ensaiou um ou outro comentário, mas só conseguiu gaguejar; Bianca permanecia calada, sem saber se piscava ou se corria; e Paulinho sorria, como se Ruy estivesse brincando de fazer caretas. De repente, o garoto pediu atenção aos pais, uma vez que seu amigo queria dar-lhes uma última chance. Se soubessem aproveitá-la, muito que bem. Mas se a desperdiçassem, mais cedo ou mais tarde acabariam sofrendo as consequências da sua escolha. E perguntava se poderia seguir adiante.

Os Pereira entreolharam-se... interrogaram-se... voltaram-se para o filho... e, meneando as cabeças, responderam que sim. Sendo assim, Ruy pediu que anotassem ou gravassem o que ele iria dizer, não só por ser o texto um pouco extenso, mas, em particular, para que não entrasse por uns ouvidos e saísse por outros.

André e Bianca estavam perplexos! E por mais que se orgulhassem da sua racionalidade, tarimba e ceticismo, não imaginavam como um garotinho que ainda gostava de mamadeiras pudesse embrenhar-se em assuntos absolutamente estranhos ao seu universo, nem como conseguia expressar-se por meio de palavras e frases que só seriam aprendidas daqui a vários anos.

Mesmo sem os necessários esclarecimentos, era indubitável que não poderiam atribuir Ruy a uma imaginação fértil ou superexcitada. Havia, sim, uma grande inteligência que se expressava por meio do guri. E se se diziam amigos, longe estava de ser imaginário.

E como não enxergasse nenhuma alternativa, André pegou o celular e ligou o gravador. Ruy disse que repetiria um excerto de um célebre discurso que proferira no Senado Federal, em 1914. Pedia para que ponderassem sobre os “considerandos” e sobre as suas consequências. E que, depois de muito refletirem, fizessem a escolha certa.

André e Bianca mal sabiam o que dizer, o que pensar! Seu filhinho estava de pé diante deles, e repassava mensagens de um homem feito e culto. E como se não bastasse, discursaria como um orador do século retrasado! Era demais até mesmo para pessoas que sempre se gabaram do seu agnosticismo e que, por isso mesmo, nunca se deixaram embromar pela mais sutil das artimanhas.

E porque o silêncio dava licença, Ruy prosseguiu: “De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça. De tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto.” Atônitos talvez fossem os adjetivos que melhor caracterizariam os semblantes de André e Bianca.

Como permaneciam mudos, Ruy interveio e insistiu para que refletissem sobre o que acabavam de ouvir. E que se esforçassem para não mais compactuarem com o erro, seja contribuindo com tolices, seja fechando os olhos para os abusos, seja, enfim, aplaudindo o erro em detrimento do que é correto. E despedia-se de todos.

O menino retribuiu acenando com a mão direita. Logo depois, trançava as pernas e pedia para ir ao banheiro. Mesmo sendo mãe, Bianca demorou bons segundos para reaprumar-se e atender o aperto do filho. Quando voltaram, ela perguntou ao marido para quem escrevia. André respondeu que o trecho que ouviram não lhe era estranho; que volta e meia lia essa mensagem no Facebook ou a recebia em grupos de WhatsApp. Por isso, pesquisava no Google. Com efeito, o resultado não tardou a aparecer, e vinha ilustrado com a fotografia do seu autor. Tratava-se de ninguém menos que Ruy Barbosa, o Águia de Haia! Boquiaberto, André mostrou a tela para a esposa, que o acompanhou em espanto. Ato contínuo, Bianca mostrou a imagem para o filho, perguntando se era esse o senhor com quem conversava. É claro que a criança não teve nenhuma dificuldade em reconhecê-lo. Apenas



que estava... diferente.

Apreendendo a dúvida do garoto, André esclareceu que a foto era muito antiga e que não tinha sido colorizada. O final do sábado seria dividido entre os cuidados dispensados ao guri e os hiatos dedicados à autorreflexão. Na verdade, não viam a hora que Paulinho fosse para cama a fim de que pudessem conversar, questionarem-se, e acharem uma explicação que os satisfizesse; além de um norte por onde pudessem caminhar.

Era todo um mundo que desabava, um castelo de cartas que não se aguentara ao sopro de realidades até então ridicularizadas e desprezadas. E essa constatação incomodava demais os seus espíritos... Fosse como fosse, o que André e Bianca não suspeitavam é que Ruy não tinha partido. Na verdade, tornara-se invisível para o menino a fim de melhor observar os pais, auscultando-lhes os pensamentos, lendo em seus corações.

Pois foi colocarem a criança para dormir, e eles retornaram à sala, sentaram-se no sofá, encararam-se, e puseram-se a conversar. Reviram cenas... levantaram hipóteses... examinaram convicções... afastaram conclusões apressadas. E meditaram à exaustão sobre o fragmento escrito pelo emérito jurista. Verificaram a atualidade das causas e que os efeitos eram corolários inexoráveis. E deduziram que se o sofrimento acontecido no passado não foi suficiente para impedir um presente mal talhado, por certo que o futuro seria ainda pior, caso os governados continuassem desculpando a bandalheira, aceitando a corrupção, e menosprezando a impunidade.

E porque não se pode mudar um povo de uma hora para outra, compreenderam que deveriam começar por si mesmos, esforçando-se dia a dia por melhorarem, na certeza de que, se não estavam sós, seriam os seus exemplos que tocariam, atrairiam e modificariam a multidão na retaguarda. Neste meio tempo, o garoto aparecia. Sua mãe foi a primeira a estender os braços. Mas tão logo se sentou entre ambos, Paulinho avisava que Ruy queria falar.

As sobrancelhas de André alevantaram-se; a testa de Bianca frisou-se; e Ruy pediu para o guri continuar sentado. Disse que ouvira tudo o que eles conversaram. E que leu em seus corações uma vontade honesta de contribuírem para o bem geral. Advertiu-os de que se mantivessem firmes, pois não seria fácil lutar contra hábitos arraigados há séculos. Mas que, se perseverassem, não apenas eles seriam mais felizes, como, também, as futuras gerações só teriam a agradecer. – os olhos dos pais já se umedeciam.

Como o tempo urgia, desejava a todos muita paz e serenidade. Afirmava que jamais os abandonaria, e esclarecia que o crescimento do menino não seria empecilho a que continuassem interagindo. Por fim, estimulava-os a irem conhecer o Houston Livestock Show and Rodeo, um dos mais tradicionais rodeios do mundo.

André surpreendeu-se com a falta de privacidade em sua casa. Bianca já não se admirava de mais nada; e perguntou se ele os acompanharia. Ruy respondeu que não. No entanto, avisava que um veterinário conhecido internacionalmente iria acompanhá-los, pois a ocasião seria propícia para auxiliar os seus colegas de profissão. Além do que, graças ao dom de que fora investido e, sobretudo, à ajuda de Paulinho, ele poderia dialogar com um grande número de animais. Os pais não entenderam patavina. Esse tal veterinário, de quem se tratava? E como a criança poderia ajudá-lo a conversar com os animais?!

Mas se é verdade que André e Bianca ficaram bastante apreensivos ao imaginarem o próprio filho batendo-papo com touros e cavalos, também é correto afirmar que o Dr. Dolittle enxergaria em Paulinho um aprendiz mais que promissor.

Mesmo que fosse, não seria igual ao que é...

A dor  
A fome  
A perca  
A fé  
A vontade  
O sonho  
A liberdade  
A crença  
A esperança

Nada é igual

A história  
O sofrimento  
A alegria  
O gelo  
O fogo  
O amor  
O profundo  
O raso  
A força  
O fracasso  
O sucesso  
A rebeldia

O saber...

Saber nada ou, até a pretensão de saber tudo, não é nada.

A simetria  
Algo analógico  
Algo digital  
Algo inexistente  
Algo frenético ou,  
Simplesmente, algo

Pessoas  
Pessoas  
Pessoas  
Simplesmente...  
Pessoas

Que procuram  
Que acham e, continuam à procurar

Verdades que, mesmo que verdades,  
Ainda assim, refletem e se enganam  
Se entregam  
E voltam a se enganar

Respiram  
Inspiram  
E se enrolam  
E contornam e voltam a respirar

Precisam acreditar no óbvio

E, no óbvio não acreditam

E, assim precisam de leis para de novo desrespeitar e assim se sentem vivos e gritam que estão mortos

Assim continuamos todos a duvidar da linha incrédula da existência

Por quê?

Mesmo que fosse, não seria igual ao que é...

Mas agora, para!

Para tudo !

Para todos

Para ninguém!

Sente-se

Síntese alguma

Menos um

Mais um

Pensa mais

Pensa menos

Senta aí !

Sinta a brisa

Esqueça de todos e de tudo!

Faz de conta que nasceste agora...

Respire fundo e chore

Respire e esqueça

Esqueça e Respire

Daqui a algum tempo verás que não mudou nada

Então...

Mesmo que fosse ,

Não seria igual ao que é...

Porque ser, é diferente!

Exige força, sabedoria e, faz com que você recomece...

Porque pensas que, seu tempo foi ou é?

Perante o tempo que há no espaço, seu tempo não é nada!

Espaço tempo

Espaço universo

Então, pare e pense...

Viu!

Já foi.

Poesias Wilson lirio

Nome: PARA QUEM INTERESSA MEU TEMPO?

15/03/2023

18:54

## **Ela**

O horizonte aponta para a contemplação!

Ela nada sente!

Ela nada vê!

Tudo é solidão!

Vida fugaz a esmorecer!

## **Trivial existência**

Ruptura da superfície,

Rumores de suplício,

Dimensões concebidas,

Versos polidos,

Não conta dos seus sentimentos,

Denuncia sua trivial existência,

Anuncia elementos banais e incisivos,

Tangidos por cortes brutais,

Perenidade fatídica,

Realidades compassivas.

## **Entraves**

Revolvia a mudez da alma,

Estalido da solidão,

Entraves do coração!



Marcia da Luz Leal- Reside em Santa Terezinha de Itaipu- Paraná.

Professora de Língua Portuguesa e Espanhola, Poetisa e Revisora Literária, Mestrado em Políticas Públicas e Sustentabilidade, Doutoranda em Desenvolvimento Rural Sustentável.

Instagram- @marcia\_lleal

Facebook- <https://www.facebook.com/marcia.leal.37604?mibextid=ZbWKwL>

## **Cirandar**

Entrelaçava os sentimentos com rimas,

Cirandava aos sons das palavras,

Aplicava o sentido incrível do existir.

Detalhava em poesias e boas novas o sentir.

# AS ESTAÇÕES DO ANO EM ANGOLA

Estação Chuvosa (verão)

Época chuvosa –  
O barulho de pedrinhas  
no teto de zinco

O arco-íris visto  
do vidro polarizado –  
Janela do táxi

Joaninha no jardim –  
Pousa a boa sorte na mão  
da menina alegre

Fiapos no sorriso  
da menina lambuzada –  
Manga madura

Estação Seca (cacimbo, inverno)

Mergulho no rio –  
A água transparente revela  
o homem no fundo

Vejo os peixinhos  
que mordiscam o meu pé –  
'água transparente

Sereno da manhã –  
A gota d'água no vidro  
baixa lentamente

Sereno da manhã –  
A gota d'água pende  
na ponta da folha

Fernando Manuel Bunga  
Uíge, Angola

Fernando Manuel Bunga, natural da província do Uíge, em Angola, onde nasceu em 4 de outubro de 1997. Contista, poeta e haicaísta. Amante da Cultura e Literatura Japonesa, dedica-se ao estudo e à prática de seus poemas, com maior realce para o haicai tradicional e haibun. É autor do livro O Enorme Imbondeiro, conhecido no Brasil como baobá (disponível em: [www.bestiario.com.br](http://www.bestiario.com.br)).

# Tempo para a liberdade

Em casa estava, como usual era na maior parte do seu tempo ao presente, sozinho, recostado no sofá, sossegado e distante face à enorme turbulência do tempo que o levava a uma extensa reclusão, assistindo pela televisão pública ao aniversário da revolução e aplaudindo novamente o triunfo da liberdade tal como no dia em que aliviado, saíra da prisão junto com muitas outras pessoas, que como ele lutaram por uma das causas mais nobres. Sabia que as singulares memórias dos anos em que estivera afastado da vida em comum teriam de ser iniciadas como documento essencial para o estudo e compreensão de um período histórico referente ao viver em sociedade, mas ainda não percebia por onde havia de lhes dar credível início. Com essa incerteza, regressou em pensamento ao dia um da sua liberdade, na qual em posse com os seus pertences, igualmente levava da estreita cela para o saudável respirado e livre ar, os manuscritos de enorme criatividade em forma de preenchidos e sentidos diários, onde cada página era libertador espelho de um só dia com as suas imensas diárias reflexões, pensamentos, frases, um poema ou literário conto de natureza rápida. Tudo bem identificado com o respectivo dia em reclusão, começado no um e sempre em crescimento até incógnito desfecho, pois que desconhecia quando iria sair. Mas uma vez nesse instante recordado ao rumar para fora da prisão, anteviu que bastar-lhe-ia consultar a última página para saber quantos dias estivera cheio de privações e bastante distanciado de uma vida livre e partilhada com os seus e demais sociais entes. Desse modo, o regresso ao presente fez-se necessário para enfim poder iniciar escrita, uma vez que entendia por fim como iria redigir as suas memórias, então vividas em longo tempo de contrariada reclusão. Retrocedendo ao dia primeiro, quando infeliz fora apartado da sociedade apenas por lutar de forma pacífica pela liberdade, transcreveria no imediato todo o conteúdo escrito no dia em concreto para memória futura, não por uma paciente soma diária, mas sim numa libertadora contagem decrescente, indicando sempre a cada momento, quanto tempo em dias faltariam para ser colocado finalmente em liberdade.

Autor: Luís Amorim

# Sammis Reachers Poemas

Discipulado

Incapazes de desvendá-lo,  
o tomamos como fruição:  
e é sempre o mar que nos desvenda.

No que sou, o que sou?

Escrevo élogos,  
disparates feitos  
do mijo dos anjos

Pássaro, devoro morcegos  
sempre à noite,  
quando são mais fortes

Crio palavras, exempli gratia:

Adjistâncias:  
distâncias adjuntas, circumciclovalentes

Selado fui fora do cofre:

Outros homens existem,  
eu prolifero

Narrador que desnarra,

Cacos de chão e céu estou

No que sou;  
e o que sou?

Lantejoula

A menina, ainda em seus quatorze anos,  
anotava o nome dos que não a notavam.  
Nem era ninguém, mocinha ainda,  
e já tecia galáxias em seu coração de fiandeira.

Pêssego

Tua penugem, teu esse tal descalabro  
De deitar urticária nas sanhas  
Teus pelos friccionando-se contra  
Os papilos das línguas...  
Ah! Mamilo rubicundo, cona aurirrubra,  
Sonho fibroso encapando  
Um coração ou cerebelo de ferro



Langor umidificado  
Que presto escorre, raio de sumo  
Ao ver-se contrito, entre dentes  
Realizado  
Oasis de olor, fruta de cheiro  
De apaixonar um mundo inteiro

Caqui  
Pomo de outono  
Dulçor em revolução  
Fruto proibido do mandarim  
Pelo mundo em lusas naus  
Disseminado

Coisa de explodir contra o dentro das bocas  
Ente todo-fruta, carcaça de mel  
Beijo tenro, rublo rio  
Cio, cicio, vício paradisíaco

Melancia  
Oásis de colo, Vênus Hotentote  
Vermelha de frescor e mansuetude  
Debeladora da mornidão tropicana  
– Planetóide elipsóide açucarândido –  
Caravela fráctil, africana superlatividade  
Céu da suma textura, fragrância solar  
Esparramada cápsula da felicidade

Jaboticaba  
Pupilas negras da Terra  
Afixadas ao tronco ou Via Láctea  
Pupilas, papoulas, pupilopapoulas  
pretas melífluas  
Entorpecentes, expansivas  
Que segredam luz doce  
de seu seio tropical

A mordida  
deflagra  
a detonação,  
Contrito cataclisma  
Ebúrnea e melânica,  
Noite e dia negra estrela  
Cujo asterismo, cujos padrões  
Formam no céu saciedades



# Tartarugas

O ciclo da roda que gira

É uno! É verso!

Poema e Poesia

O Universo

O menino, O Homem, O Pai e O avô

A flor de lotus. O sol nascente

Gratidão a minha Ancestralidade

A benção Mestre Riva

Palmas e reverências

Que todas as energias positivas e vibrações de Muita Paz e Gratidão,

De Jesus Cristo, Da Lei Mística dos Budas, De Nossas Senhoras,

Dos Pretos Velhos, De Krishna, De Ganesha, Dos Exus e do Senhor do Tempo,

Protejam meus descendentes, permitindo que as histórias de seres humanos fortes e valentes,

descendentes do amor incondicional de um velho poeta, sonhador e errante, que sempre acreditou no amor e no exercício do silêncio, sejam contadas com a certeza que eles acreditaram no poder do Permita-se!

Gratidão por estarmos juntos neste momento sagrado!

O ciclo da roda que gira

É uno! É verso!

Poema e Poesia

O Universo

Permita-se, Anelise!

Permita-se Clarice!

Permita-se Lara!

Muita Paz e Gratidão minhas netas.

Eu,

Ando em passos lentos

O horizonte é meu rumo

O silêncio minha música

A paciência minha arma

Aprendi com as tartarugas!

E você?

Ronilson Rony

# Poema “ Poema “ Dor de um Poeta”

Hoje, mais do que nunca  
senti necessidade  
de transpor a dor  
para o papel.  
Não sou um poeta,  
muito menos alguém,  
apenas um ser que crê  
e sem nada crer , apenas  
quer algo em que acreditar.  
Talvez tenha herdado  
o dom inato de absorver  
a poesia, num simples olhar  
dos desconhecidos que fita  
e o põe a imaginar,  
como será a vida, e a alma  
de quem sorri na esplanada,  
veste uma camisa rasgada,  
ou um fio de ouro ou prata,  
e caminha, sem olhar para trás.  
Nunca soube quem fui,  
continuo a não me reconhecer;  
Procuro-me na viagem lírica,  
nas linhas tortas que escrevo  
e na fase lunar.  
Quem sabe, um dia  
me possa definir, ser um sujeito  
normal e simples.  
Quero criar uma caixa de cartão,  
do tamanho de plutão,  
e salvar uma amostra da população  
incapacitada , sedenta de nada  
que não viveu sem vibrar.

Patricia Meireles

Patricia Meireles , uma jovem escritora de 30 anos, “ filha do desassossego”, quer reinventar a declamação poética. Acredita que nasceu na época errada: pensa/ questiona/ opina sem medo, em busca de outra visão do mundo. Mundo este bloqueado por um sistema rígido e autoritário que limita quem sonha e é uma alma velha e livre!



# Porquê, são putas...

Ela, mora no Brás, trabalha no Brás,  
frequenta os bares do Brás é, ela faz tudo e de tudo no Brás.

Ela é puta

Ela não vem para o lado cá da radial.

Não bode se esbarrar com o Claudiney, que é pai de cauê que, é filho de Marlene e então, Ela faz tudo no, Brás.

O Claudinei, ah, o Claudinei mora na mooca!

Diz ele que mora lá.

Britney não!

Britney é, empresária do sexo...

Mora aqui, mora ali, já frequenta os melhores shoppings, viaja para todos os lugares, janta com os homens, mulheres de Brasília e ela, não é Ela, ela é a Britney.

Outro dia Ela decidiu acordar cedo, resolveu enfrentar seus medos.

Pegou o metrô, destino Corinthians Itaquera, foi visitar a antiga amiga Maura.

Desceu na estação Arthur Alvim, olhou para um lado, olhou para o outro e seguiu, olhando para as placas de indicação para não se perder pois, à muito tempo não ia para esses lados.

Pensou alto:

Acho quê é esse escadão aqui...

Um degrau, dois degraus e, qual a grande surpresa! Foi dar de cara com o Claudiney!

Bem ali, no meio da escada?

O Claudinei estava acompanhado pela esposa Marlene e o pequeno Cauê.

Num gesto assustado Ela pergunta:

O que faz aqui Ney?

E ele, meio gago responde:

Quem é você?

Logo, um silêncio e o afastamento legítimo.

Depois de algumas semanas, pela manhã a notícia vem pela televisão, uma puta foi arremessada do viaduto e, que uma jovem senhora tentou socorre-la e nas imagens a jovem moça tem o nome de, Britney, mas não havia mais o que fazer, Ela estava morta.

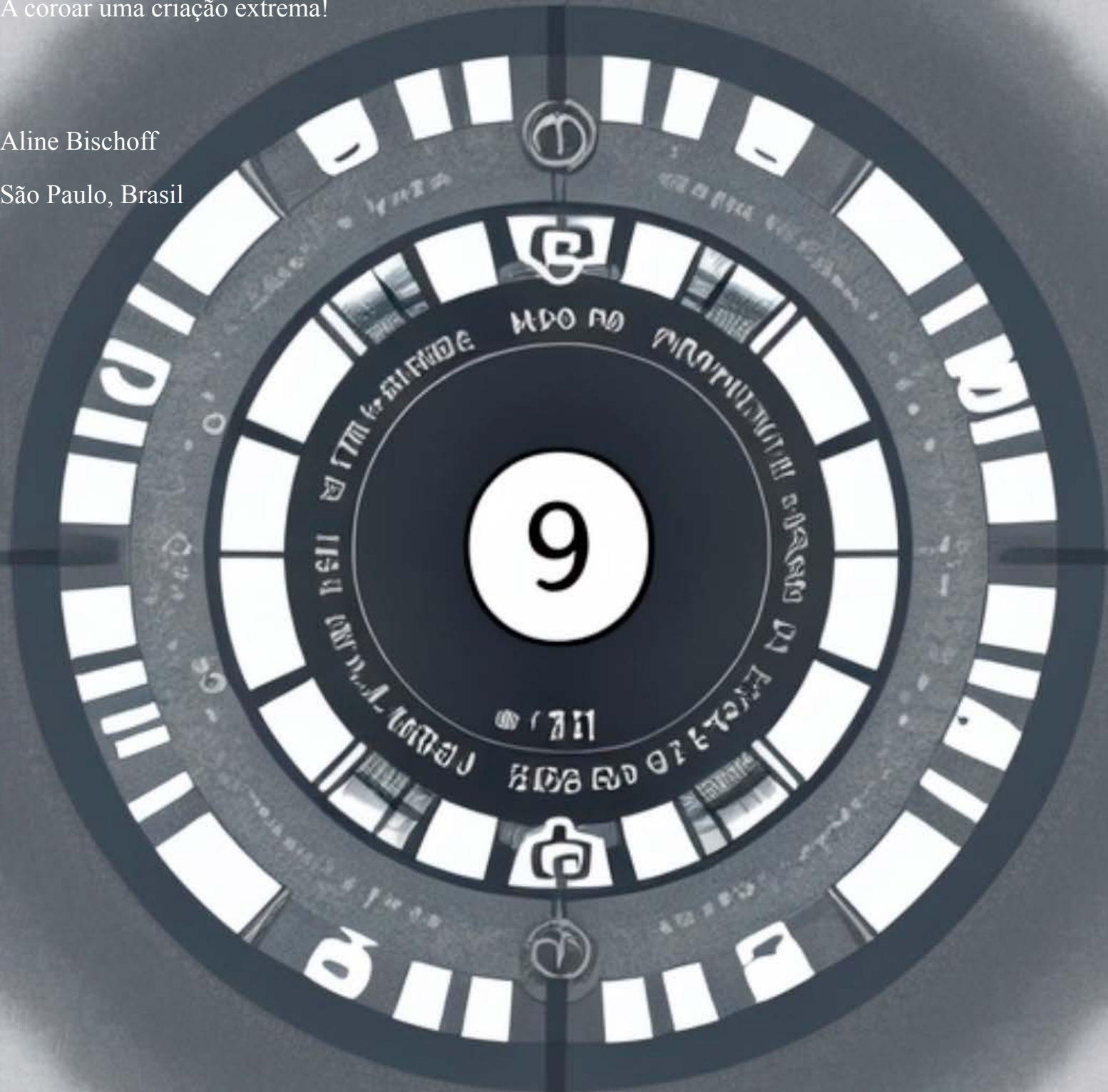
Pequenos contos no canto da sociedade de Wilson lirio.

# Metapoema<sub>x</sub>

Eu queria escrever um poema,  
mas o quê saiu, um teorema?  
Algum inadvertido dilema?  
Talvez um importante lema,  
Com significativo emblema,  
Ainda sem o definido tema.  
Um verdadeiro problema!  
Preciso comparar o grafema,  
Talvez nalgum outro sistema,  
Usando um análogo esquema,  
Onde a dúvida seja o diadema  
A coroar uma criação extrema!

Aline Bischoff

São Paulo, Brasil





## BILHETINHO

Oi. Esqueci de levar o seu almoço hoje. Ontem também. Vou te explicar o que acontece. Gosto muito de cozinhar para você (só para você). Fico realizada quando recebo mensagem e é uma foto sua comendo a marmitta que eu te fiz.

Mas perdi a mão. Meu arroz não está mais tão soltinho. Tenho cozinhado demais as carnes. Nunca mais acertei o tempero do feijão. Aquele bolo de cenoura só fica embatumado.

Então, meu bem, eu não esqueci de levar o seu almoço hoje. Nem ontem. Eu só não quero mais cozinhar para você. Não consigo.

Você merece um almoço bem mais gostoso que o meu. Estou mandando uns trocados com o bilhete.

Bom almoço. Bom trabalho. Boa vida.

P.S.: Não me mande uma foto dessa vez. Por favor.

Laura Nicolino Bonilha sou graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), tenho 20 anos, resido em Cambé (Paraná) e atuo como professora de Língua Portuguesa e contadora de histórias na rede particular. Sou leitora de criação e comecei a escrever em 2020. Desde então participo de cursos e palestras relacionados à escrita.

O dia amanheceu ensolarado  
Era um dia atípico, pós feriado  
A rotina ia tomando forma  
Aos poucos cada um em seus afazeres

Nada parecia dar errado  
Aquele mesmo dia quente  
Foi um dia de surpresa  
Infeliz e descontente

A decepção foi inevitável  
É preciso explicar?  
Um dia de verão, em segundos  
Tornou-se frio, fulminante

A noite caiu, implacavelmente  
Com ela o vento gelado  
A visível angústia do céu  
Descontente, só queria desaguar

O céu escuro se perdeu em nuvens  
Tão rápido e inconstante  
Não havia sutileza apenas ironia  
Dava sinais em meio a relâmpagos

- Eu vou desabar

De forma intensa e estrondosa  
Assustadoramente, DESABOU!  
Trovejava em meio aos raios  
O céu precisava externar

Não poderia dizer que não houve aviso  
Precisava ser ouvido  
Mais do que isso  
Precisava ser compreendido

O dia amanheceu nebuloso  
Era um dia típico e mórbido  
A rotina havia se estabelecido  
Todos em seus afazeres

Aparentemente estava tudo "certo"  
Durante a chuva tudo havia acontecido  
Parceria que tudo havia sido dito  
Os pingos nos is

Estranhamente, parece haver mais  
Ninguém espera nada deste novo dia  
Deve ser para evitar  
Toda e qualquer nova surpresa

Não importa, vai passar  
Não há sol, é dia de garoa  
Desaba aos poucos  
Apenas por sentir o inexplicável

**O dia após o caos!**

# A PRIMEIRA VEZ NA TERCEIRA IDADE

Evandro Valentim de Melo

Segunda-feira, dois dias depois do sexagésimo aniversário. Ainda sentia o gostinho e a fragrância da comemoração, momento bastante especial, pela presença de familiares e amigos.

À noite, depois da jornada laboral, dirigi-me a um shopping para trocar, por outra, uma camiseta estampada com a figura de determinado super-herói que já figurava em minha coleção; um dos vários presentes recebidos.

Feita a permuta, era hora de ir à livraria, afinal, faltava eu mesmo me presentear, com um livro bastante desejado. Encontrado o título, faltava pagar para voltar a meu estimado lar e iniciar a leitura. Aproximadamente, vinte pessoas na fila – única – com três trabalhadores no caixa. Tão logo posicionei-me em último lugar, ouvi o chamado:

— Próximo atendimento preferencial!

Desacostumado de minha nova condição etária, mantive-me quieto, a folhear o

livro que levaria dali comigo.

O rapaz do caixa repetiu o chamado:

— Próximo atendimento preferencial, caixa três, por gentileza!

“Minha ficha caiu!”. Lembrei-me de meus 60 anos recém-completados e, uma vez que ninguém se dirigiu ao caixa três, eu, à Max Verstappen, ultrapassei todos que estavam à frente.

Senti-me como que fuzilado pelos olhos de uma senhora, talvez ela achasse que eu, indevidamente, exerceria tal direito. Lisonjeado e em reação pacífica ao olhar cheio de más energias, comentei com o rapaz do caixa três:

— Eu deveria ter filmado esse momento.

— Por quê? Perguntou o profissional a estranhar.

Respondi:

— Minha primeira vez depois de completar sessenta será com você.

Originou-se na fila um coro crescente de gargalhadas em todos os tons. Na verdade, não sei se todas as pessoas riram, não pude ver ou ouvir a senhora do olhar ‘malvado’, mas sou capaz de apostar que ela desafinou.

# TUDO NA VIDA SÃO ESCOLHAS

Elisângela Ramos de Lima





Eu entendi isso após ouvir um professor, depois tudo começou a fazer sentido. Em um pequeno bairro morava uma pequena criança, que sonhava com o momento que para ela era o mais importante: Completar seis anos de idade para que então pudesse ir à escola.

Eram tantos planos, mas mesmo ainda tão pequena já tinha noção que para isso era necessário aprender a ler e escrever porque a educação básica é como um ponto de partida para alcançarmos nossos objetivos. Talvez não seja tão comum assim uma criança pensar assim, mas parece que algumas nascem à frente do seu tempo.

Passaram se dois anos e chega o grande dia, um momento de muita alegria, mas a vida tem dois lados é como uma moeda tem momentos que é coroa (lado bom) e outros... Cara (lado ruim).

À medida que crescemos adquirimos experiências e maturidade ao menos para entender algumas coisas. Fazemos comparação afinal estar em um ambiente novo com novas pessoas e suas peculiaridades, traz-nos essa reflexão sobre nós e toda nossa volta, isso inseri nossa família que é o ambiente em que passamos mais tempo, a escola e os nossos vizinhos.

Quando comparamos algo já é de se esperar que possíveis diferenças fossem encontradas, mas não podemos prever o que elas podem nos revelar, diante disso a pequena criança enxergou que seus pais não a amavam como ela gostaria em comparação com suas colegas ela observou que sua mãe nunca penteou seus cabelos, não dava a devida atenção para isso deixando que ela mesma cuidasse de seus cabelos e de suas vestes.

Na escola seus colegas achavam que ela era magra demais e tinha um nariz grande deixando seu rosto desproporcional, por conta disso, ela recebia alguns apelidos e era excluída das brincadeiras. De criança alegre e sonhadora nasceu uma nova que era triste sem sonhos que planejava como vingança partir deixando seus pais, sua escola e todos que de algum modo tinha destruído seus sonhos, com planos de nunca mais voltar. Distanciou-se dos seus colegas e se manteve assim durante anos. Quando já era uma mocinha uma reviravolta aconteceu em sua vida, tornou se uma jovem linda que atraia os olhos de todos.

Ainda sem entender toda essa mudança repentina a bela jovem custava acreditar bastante assustada se isolou em sua casa tentando entender o que estava acontecendo, após alguns dias se deu conta que sua magreza não mais importava e que seu nariz não fosse tão grande assim. Parece confuso, mas era isso que

estava acontecendo, milagre ou não, mas ali estava uma linda jovem toda confusa e perdida em sua própria história. Em silêncio deitada em sua cama começa a se perguntar; O que está acontecendo comigo? Aonde foi parar aquela menina sonhadora? Onde estão os meus sonhos?

Onde está todo aquele amor? Em seguida respirou bem fundo e disse em voz alta consigo mesma: Eu escolho amar, amar as pessoas, escolho me colocar no lugar delas e tentar entender o porquê das atitudes de cada uma delas, mas para entender sua família foi necessário voltar no tempo e lembrar-se de cada momento com seus pais, mas com um olhar sensível sem julgamento. Além disso, ouvir as histórias de cada um deles para entender a relação deles com seus pais foi muito importante, pois sua mãe ficou órfã de mãe quando ainda era uma criança e teve que desde então aprender a cuidar da casa dos dois irmãos e de todas as responsabilidades enquanto seu pai trabalhava. Diante desse relato então ela buscou em suas memórias toda a sua trajetória até aquele momento e se lembrou de um passeio de bicicleta com Seu pai, da praça que ia para brincar enquanto seus pais a esperava sentados no banco da praça e de como ela se divertia nos brinquedos. Após a passagem do circo pela cidade um dos animais ficou durante alguns dias... Era um elefante e seus pais o levaram para ver, lembrou-se do seu aniversário que sua mãe preparou uma linda festa e todos da vizinhança e demais familiares foram convidados. O fato é: Quando não estamos bem psicologicamente somos impedidos de enxergar as coisas boas ao nosso redor, os momentos, as pessoas precisamos analisar bem nosso contexto e sempre acreditar em nós mesmos quando passamos um tempo achando que tudo foi ruim e depois nos demos conta de que o lado bom está na forma como enxergamos as coisas e que é importante buscar conhecer e às vezes entender nossas próprias histórias e a das pessoas que estão ao nosso redor. O que nos resta fazer? Voltar no tempo é impossível, mas o presente é possível.

Nas lembranças a linda jovem não conseguiu ver em nenhuma delas sua mãe penteando seus cabelos. Mas por que não pedir naquele momento então ela se dirigiu até a cozinha onde sua mãe estava e a pediu que penteasse seus cabelos. Sabe... Uma das grandes alegrias da vida é quando alguém penteia seus cabelos. Naquele exato momento a linda jovem escolheu ser feliz, amar sua família, olhar a vida com mais leveza descobriu então que a vida é feita de escolha e que podemos sempre escolher o lado bom! Cabe a nós escolher por onde queremos caminhar, com quem, com amor ou sem, como queremos olhar para as coisas, pessoas. A escolha é nossa e é importante saber que não importa quantos monstros teremos que derrubar, mas que cada um deles sirva de aprendizado para sabermos em qual caminho devemos passar!



Wilson lirio

**Nesse caminhar de  
dentro**

Que não canso nem encanto  
Enquanto espero essa carriola de muita gente

Crianças que bizoiam o mundo de Aquário feito do pano de embrulho que até ontem era a saia da madame boneca que, eu achava ser de pano

Esse caminho que invento Enquanto caminho olhando para os lugares loucos que, até ontem não havia andado, já era, andei

Abre a janela de papelão  
Aparece uma televisão de brinquedo que pinteí ontem a noite  
Ou foi hoje?  
Já já sei

Essa frases que sonhei  
Que cantava  
Que chorava  
Que lembrava  
Quando me calei

E então senti o cheiro do cravo que no quintal estendia e, nem o vento deixou de sentir o cheiro do arroz doce que a vizinha preparou

Aí vem o padre, sim o padre da caixa de chocolate!  
Vem ele de cachecol e chinelo de dedo  
Nem olha para os neninos nem para os cachorros

Abre, ohh de casa!  
E se sobrou algo não sei  
Mas, o vento eu sei, senti o cheiro e, se foi

Eu em minhas esquecidas caminhadas  
Todos os dias me esqueço de onde estou que é para tentar lembrar para onde não vou  
Pego a carriola de muita gente e vou...  
Mas, amanhã eu volto  
Pelo mesmo caminho

E vou quando o sol se bota e volto só quando, ele com vergonha, se esconde.

Poesias Wilson lirio  
Nome: carriola ou carrinho de mão

12-01-2023

# Mais equilíbrio e bom senso.

Por Cristian Canto

“O mundo é um hospício. Portanto, deve-se congratular a maioria de nós que não aceita provocações e toca sua vida sem entrar em confusão. Devem-se aplaudir os que levam rasteiras e não partem para o olho por olho. Deve-se comemorar o fato de sermos resistentes a todos os desaforos que nos fazem, pois, se fôssemos excessivamente esquentados, raivosos e incontroláveis, não sobraria um único vivente para contar história”. (Parte do livro, Simples assim de Martha Medeiros).

O meu mundo e o seu mundo são duas histórias no mesmo mundo, ou seja, caminhamos de maneiras diferentes, por estradas distintas, com ideias discordantes, ainda assim, o que permanecerá imutável é o anseio de continuar fazendo o mais sensato possível. Nesse caminho teremos atravessadores, falsos incentivadores e até autossabotagem, no entanto, a confiança deverá permanecer intacta; seguir o nosso percurso conforme o que pensamos ser o certo, utilizando nosso cérebro e acreditando que somos capazes.

O que me refiro é a questão de como somos tratados e como tratamos. Somos menores por que fulano falou para o cicrano que não somos bons? Devemos ficar entristecidos por que alguém olha em nosso olho e nos chama de inútil ou qualquer outro sinônimo que nos diminua?

Penso que não, e se em algum momento alguém nos trata mal com ou sem razão definida, não é de nossa responsabilidade. São as pessoas que estão errando, que têm “algo de ruim” em seu interior. Não somos nós. Nem a culpa, nem a responsabilidade são nossas.

Nada, absolutamente nada, justifica um ato de maus-tratos, um gesto ruim, uma palavra indesejável. No entanto, infelizmente costumamos dar valor às palavras malvadas e gestos pejorativos dos outros. É de nossa natureza dar mais valor as palavras cuspidas em nossa face do que valorizar as qualidades que temos.

Acredito que a agressão verbal seja uma auto defesa, no entanto, ao reagirmos passamos de agredidos a agressores, e como disse Martha Medeiros, não sobraria um único vivente para contar história, caso nossas indignações fossem externadas.

Então, sejamos o ponto final da desavença, aceitaremos, porém, entendendo que não é necessariamente a verdade, e que não devemos levar o que ouvimos ao travesseiro. Certamente não é fácil deixar de lado, precisa de treino e de mente forte

para suportar o que na maioria das vezes é intolerável.

Ninguém é perfeito. Quem nunca passou dos limites numa discussão ou uma brincadeira mal interpretada? Somos feitos de sentimentos e às vezes somos levados a retrucar, responder e igualar o que não gostaríamos que acontecesse para nós.

Não existe técnica única, não há milagre. O esforço tem de ser diário, controlando os impulsos e sabendo que a continuação ou o término de uma discussão que começou como uma expressão errada, uma frase distorcida ou um gesto

desagradável, pode vir de nós. Temos que puxar a fila da coerência e perceber que quando o outro não consegue chegar no mesmo nível de lucidez e talvez não esteja

preparado para tentar, cabe a nós sermos corajosos para escutar, tentar entender e respeitar, mesmo que não estejamos gostando do que ouvimos.

Respirar e contar até 10, 100, 1000, é uma tática interessante e que às vezes funciona... às vezes. Muitas dessas vezes, é melhor ficar calmo do que querer sair com

a razão. Para manter um ambiente em equilíbrio, o silêncio pode ser uma questão de bom senso.

Cristian.canto83@outlook.com

# Afonso



Aldo Moraes

Marquinhos Afonso havia deitado com conforto em sua cama e naturalmente que acordaria bem para mais um dia de batalhas. Mas acordou com o corpo paralisado numa cama de hospital e apesar da aflição de todos a sua volta, o paciente estava tranquilo e inclusive esboçava certo alívio psicológico.

Em seus 45 anos de idade, Afonso não tinha doença alguma, nem mesmo resfriados sazonais desanimavam o homem. Respeitado por seu conhecimento profissional, pai atencioso, excelente amigo e bom prato, ninguém entendia o stress acumulado dos últimos dois anos. O próprio Afonso não aceitava mas era a única pessoa que sabia o que se passava consigo. Aliás, ele e a esposa sabiam. Mas o humor entre o casal já não era o mesmo nestes 24 meses e em seus pesadelos, se via infartando e até mesmo numa cadeira de rodas e vítima de um acidente vascular cerebral. Enfim, as noites de Afonso eram terríveis e para poucas testemunhas oculares, seus dias também não eram fáceis.

Afonso nasceu em uma família de muitos irmãos e primos, classe média baixa e seus pais foram católicos conservadores. O que não o impediu do muito namorar e diversas aventuras ao longo da vida adulta. Durante a juventude, gabava-se da fama de pegador e contabilizava os amores. Foi vendedor de máquinas industriais e muito viajava. Citava os encantos que produzia pela estrada e se dizia irresistível. Afonso aos 45 era um homem magro, alto, de escassa barba, voz forte e olhar penetrante. Sua narrativa alargava a imaginação das pessoas que conviviam com ele mas perturbava os ciúmes da esposa.

No final de 2019, Afonso adquiriu uns tiques que chegou a sondar as possíveis causas com um amigo psicólogo e depois com um dermatologista: lavava as mãos após cumprimentar as pessoas, não levava as mãos à boca e resistia aos carinhos da esposa. Quando veio a pandemia e o apavoro da covid 19, Afonso praticamente estava preparado e angustiado e em sua pele estouraram bolhas, espinhas, cravos e feridas só de imaginar em ser infectado.

Afonso que durante 20 anos de casamento, era dado a dormir abraçado a esposa quando estava vendo televisão e acordava grudado aos braços e pernas de sua doce e ferosa Júlia, agora estava com pensamento vago e vivia alheio aos carinhos que tanto o agradavam. De fato, ao menos para quem desfrutava de sua intimidade algo estava estranho mas era tudo mascarado pelo vírus que assustou o mundo.

Quando Julia, ainda jovem e sexualmente muito ativa, beijava e abraçava o marido, Afonso a empurrava com os olhos estalados. Tinha verdadeiro pavor do contato físico. Se afastava, dava um jeito, sabe... Dava pequenos selinhos e demonstrava ou aparentava que beijos de língua nunca mais. Evitava contato de pele e passou a abominar o sexo. Sua Julia se admirava e ficava brava. Chegou a pensar que o marido a traía. Ficou desolada com toda essa situação.

Mas quando a pele de Afonso começou a estourar feridas e bolhas, a esposa teve um alerta de que mente e corpo do marido indicavam algum perigo. Os meses passaram e o casal se afastou. Mas a pele de Afonso piorava e agora tudo acontecia só do marido pensar num toque, num abraço, num beijo... Proibiu os dois filhos e a filha de visitarem sua casa e limpava o telefone depois de se falarem.

Nem chamadas de vídeo eram permitidas. Ele achava que as infecções podiam brotar da tela do celular. O fato é que depois de adormecer e sonhar com uma manhã tranquila, Afonso despertou num quarto de hospital cercado por uma equipe médica que tentava

investigar os acontecimentos com aquele homem. A esposa, inquieta e preocupada, falava ininterruptamente e gesticulava sem parar e nas palavras de um enfermeiro que passou no corredor, parecia uma louca. Mal sabia o profissional que a loucura vinha pela mente do marido.

O antes vaidoso Marquinhos Afonso era um pobre homem, imobilizado na cama médica e sob olhar atento da equipe. Nada falava, muito mais pela perplexidade do inesperado do que por questões de saúde. Via-se aliviado enxergando o livramento ante os carinhos da esposa e pensava em como prolongar sua estadia no hospital. Nenhuma alteração foi encontrada nos exames clínicos do paciente. E tudo: suas reações, sua pele, os batimentos cardíacos, tudo... alarmava a equipe e sua família. Após as primeiras horas, Afonso não permitiu a presença de nenhum familiar e apenas a supervisão de um médico. Sentia um abafamento e uma falta de ar, uma certa vontade de morrer a simples aproximação de qualquer pessoa, qualquer ser vivo, de uma simples mosca no teto do quarto.

Em março de 2022, Afonso acordou depois de um longo coma que percorreu o período mais denso da pandemia. Nenhum diagnóstico foi possível e novamente a surpresa foi geral. Sua pele parecia uma maçã fresca, os cabelos brilhavam e a voz era firme. Um olhar doce, encantador mesmo que fitou a enfermeira, a pegou pela cintura e disparou:

- Quer casar comigo?

Aldo Moraes  
composermoraes@hotmail.com



Nem tudo  
É o que é  
E também,  
Não é bem assim

Acredito ser um cervo  
Saltitando na relva verde  
Mas, sou só um servo da rainha, do rei  
Servo do meu país ou de um país qualquer

Enquanto amo, sim!  
É tudo que sei!  
Amar, é tudo que sei

Alcanço o infinito que acaba de passar aqui nesse meu mundo calado  
Nesse chão de areia movediça  
Mas, é isso que escolhi fazer

Miro os Alpes mas não tenho corda e também, tenho medo do frio então, só miro

Não consigo  
Seguir meus planos do dia  
Não consigo  
Não tenho mais o lápis, caderno, não tenho...

Mas aqui estou, alegre como um bolo,  
Como um corcoran  
Apitando uma flauta feita de papel higiênico e acreditando que alguém me ouve.

Mas, apesar de tudo,  
Me calço com o calçado do faz de conta  
E acredito estar com as botas do famoso gato  
Pisando em nuvens de concreto

Sigo as pegadas que já foram apagadas pela chuva  
Sonho com brincadeiras dos ceculos anteriores mas, estou só e, é assim que me sinto vivo

Já escrevo porque não falo

Penso e não me conformo  
Mas, nem tudo é o quê é e, Nem tudo tem que ser então...

Sento a beira do rio para ver as galinhas dar de mamá às raposas.

Poesias Wilson lirio  
Nome : liberdade, liberdade  
16/12/2022  
06:35



Parecia não estar lá  
Frente ao espelho logo ao despertar  
Roupas sujas no chão de cimento cru  
Procura pelas chaves  
Fala baixo com o gato  
Põe a ração na tigela  
E sai para trabalhar

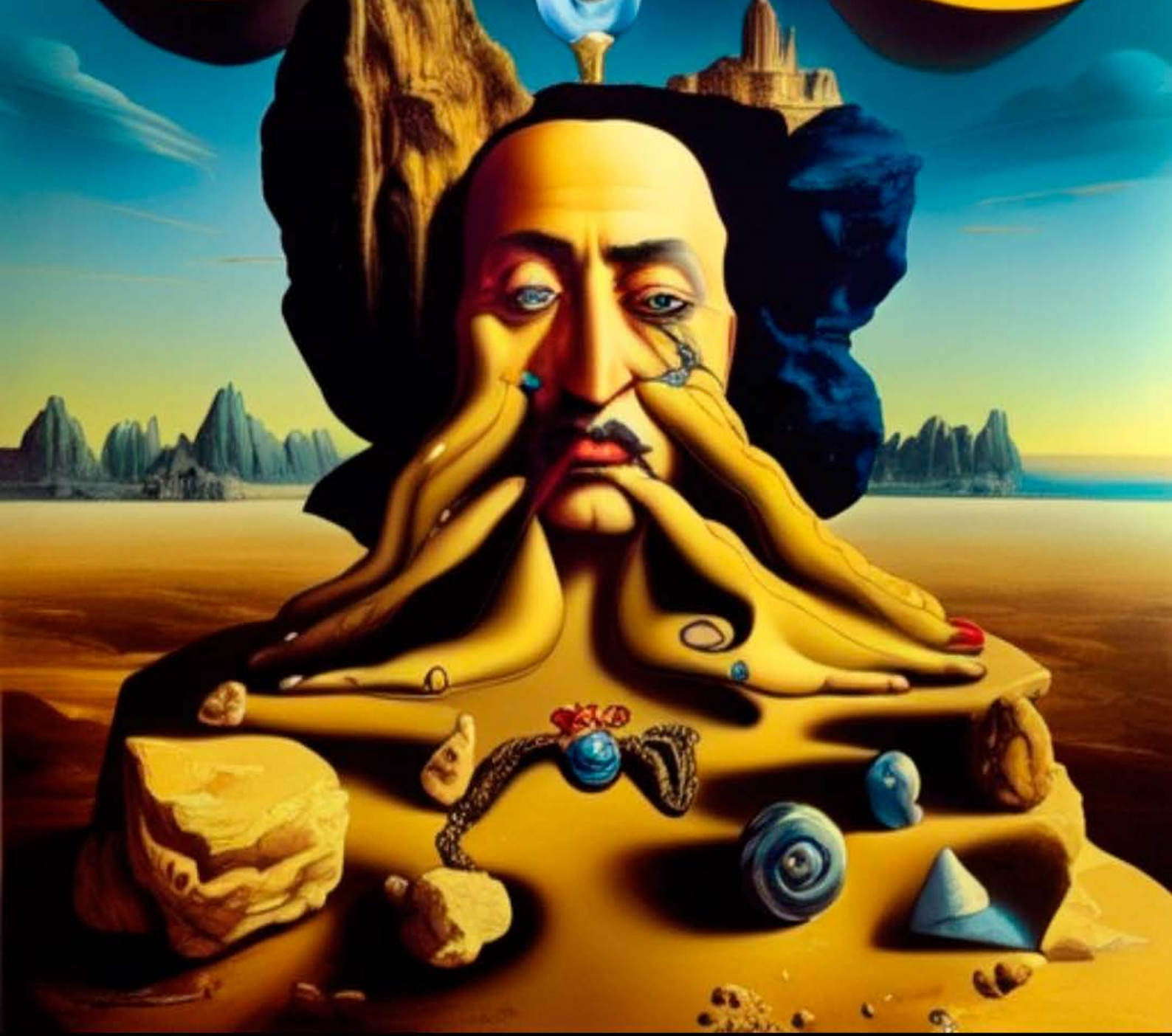
Olho ela pela janela  
Anda suave pela rua molhada pela garoa que cai  
Como é bela  
Ela

Logo  
Pego um pedaço de pão  
Tomo um gole de café  
Penso no que tenho para fazer  
Procuro pelo molho de chaves  
E saio, pela rua molhada pela chuva que cai

E o gato fica só.

Poesias Wilson Iório  
Nome : É Segunda





Mas, há dias que fico sentindo o vento bater no rosto.

Ontem peguei um trem sem destino  
Fui até o final e voltei até o começo

Já gostei mais da noite  
Hoje...  
Acho que gosto mais do dia  
Mas é daí?!

Gosto de mim  
Gosto de você  
E as coisas são e sempre serão estranhas.

Ah!  
Gosto das massas  
E, não gosto de sushi.

Poesias Wilson Lirio  
Nome: COISAS ESTRANHAS, EU ESTRANHO.  
10.04.2023



# PRÓXIMA EDIÇÃO



[dartelondrina@gmail.com](mailto:dartelondrina@gmail.com)

insta [@dartelondrina](https://www.instagram.com/dartelondrina)